

AS CIDADES ESQUECIDAS DE BRASÍLIA, UM DESCASO DA MEMÓRIA URBANA: Estudo de caso sobre a valorização da memória em São Sebastião/DF.

Professor orientador: Paulo Víctor Borges Ribeiro

Aluna: Clara Gontijo Salomão Vicente

PROGRAMA DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PIC/CEUB

RELATÓRIOS DE PESQUISA
VOLUME 9 Nº 1- JAN/DEZ
•2023.





CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

CLARA GONTIJO SALOMÃO VICENTE

**AS CIDADES ESQUECIDAS DE BRASÍLIA, UM DESCASO DA MEMÓRIA
URBANA: Estudo de caso sobre a valorização da memória em São
Sebastião/DF.**

Relatório final de pesquisa de Iniciação
Científica apresentado à Assessoria de
Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Paulo Víctor Borges Ribeiro

BRASÍLIA

2024

DEDICATÓRIA

Quero prestar essa dedicatória para a minha família, real e do peito, que por todos esses exatos 500 dias desde que decidi iniciar esse projeto, me apoiaram, incentivaram e acreditaram que eu seria capaz. Em especial dedico a minha mãe que fez de tudo para eu estar onde estou hoje.

AGRADECIMENTOS

Desde o início até o desenvolvimento deste artigo, foi feita uma construção e junção de pensamentos e conversas que tive com diversas outras pessoas. Dentre elas, gostaria de agradecer:

À minha primeira orientadora, a professora Ludmila, por me ajudar a estruturar a pesquisa e pelo contato valioso que me proporcionou com a comunidade. Ao orientador Paulo Victor, que me acolheu no último tempo, e me ajudou a refinar e lapidar este tema tão delicado, dando mais profundidade ao trabalho. Nunca vou me esquecer do acolhimento e troca que ganhei dos dois.

Aos colegas de profissão que me ajudaram, apoiaram e proporcionaram conversas cativantes, cujas contribuições foram essenciais para o desenvolvimento deste artigo.

Às instituições que fizeram parte da minha jornada, que me introduziram a uma nova ótica sobre a arquitetura e o potencial do nosso conhecimento técnico: a CODHAB com a vivência da região, o coletivo Panã, e principalmente, o projeto de extensão Morada de Luz, que foi a porta para o mundo da ATHIS, do urbanismo e da luta coletiva.

Aos coletivos e pioneiros de São Sebastião: Movimento Supernova, Casa Lunar e principalmente o grupo Memórias Oleiras, e aos ex oleiros e oleiras, que abriram seu espaço, tempo e dedicação para esta pesquisa, que realizei com tanto prazer e envolvimento.

Gostaria de agradecer à minha família e amigos, pelo apoio e incentivo que me deram nesse processo do artigo, Gostaria de agradecer vocês que tanto se fizeram presentes na minha vida, agradeço imensamente pela contribuição de cada um.

Este trabalho é fruto de um esforço coletivo, e sou profundamente grata por cada um que participou dessa jornada.

“É preciso erguer o povo à altura da cultura e não rebaixar a cultura ao nível do povo.”

- Simone de Beauvoir

RESUMO

Brasília foi a primeira capital moderna projetada para representar o futuro e unir todas as regiões do Brasil, e apesar de trazer desenvolvimento para o interior do país, a cidade se tornou segregada devido a uma série de políticas públicas tomadas na época. Sendo assim, o idealismo de ser uma cidade que conecta pessoas de diferentes classes, e que visava descentralizar a administração e coordenar serviços públicos, acabou gerando problemas de mobilidade urbana e saneamento. Além do mais, com esse crescimento desordenado e a má gestão governamental da época, essas ações trouxeram muitas outras consequências, como o descaso com culturas existentes, resultando em uma violência cultural e socioespacial enraizada em políticas de apagamento cultural. Desse modo, o artigo propôs uma visão abrangente da constituição de Brasília, detalhando as etapas para seu concurso, os ideais que buscava alcançar e consigo a realidade da cidade. Analisamos as políticas e pensamentos que pairam naquela época, e que levaram ao descaso cultural e às consequências desse fenômeno. Assim como também discutindo a importância da valorização da história e da memória cultural para o desenvolvimento socioeconômico da cidade. Apesar de termos levantado outras cidades que sofreram com as políticas de apagamento cultural, o artigo irá focar em um estudo de caso específico em São Sebastião, uma cidade que surgiu como um núcleo essencial para a produção de tijolos durante a construção de Brasília. Sendo assim, para exemplificar, e também com o objetivo de valorizar a memória de um deste lugar, o artigo explorou a memória oleira de São Sebastião, mostrando como essa atividade central influenciou a formação da cidade e o cotidiano dos moradores. A história da concepção de São Sebastião foi marcada pela transição das fazendas desapropriadas para um espaço urbano emergente, impulsionado pelo trabalho manual e determinação dos pioneiros. Sendo a partir de entrevistas com antigos oleiros acabamos evidenciando a história de uma época de trabalho árduo e resiliência, documentando as condições desafiadoras de vida e celebrando a comunidade e redes de apoio que surgiram entre os trabalhadores e suas famílias. São Sebastião, com sua rica tradição oleira e comunidade resiliente, serviu como um exemplo da potência que a memória pode fazer: unir pessoas em nome de um bem maior. O artigo serve não apenas como homenagem aos esforços dos oleiros, mas também refletiu sobre a importância de preservar e celebrar as memórias coletivas que constituem a identidade cultural de uma cidade.

Palavras-chave:

memória; patrimônio histórico e cultural; oleiros.

LISTAS DE FIGURAS, TABELAS, QUADROS, GRÁFICOS, SÍMBOLOS E ABREVIações

Figura 1 - Mapa ilustrativo das cidades catalogadas. Fonte Geoportal 2015.....	26
Figura 2 - Mapa ilustrativo de São Sebastião. Fonte Geoportal 2015.....	33
Figura 3 -Foto de um dos caminhões de tijolo. 1969.....	42
Figura 4 -Foto do time de São Sebastião no campo central. 1967.....	44
Figura 5 - Foto da inauguração da primeira bica de água encanada de São Sebastião. 1989.....	46
Figura 6 - Foto da campanha do Roriz, acompanhado de João. 1987.....	47
Figura 7 - Foto da fazenda da Papuda. Fonte Memórias Olheiras, 2024.....	48
Figura 8 - Foto da Dona Ana. Fonte autor.....	54
Figura 9 - Foto do Edvair Ribeiro. Fonte autor.....	58
Figura 10 - Foto do Senhor Sebastião. Fonte Edvair Ribeiro.....	74
Figura 11 - Foto da Dona Carmen. Fonte autor.....	78
Figura 12 - Foto do Senhor Alaor. Fonte Edvair Ribeiro.....	87

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
OBJETIVOS	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
BRASÍLIA: IDEALISMO E REALIDADE	11
COMO A MEMÓRIA É TRATADA NO BRASIL	17
3. MÉTODO	24
SELEÇÃO E DELIMITAÇÃO DAS CIDADES	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
OUTRAS CIDADES CATALOGADAS	26
SÃO SEBASTIÃO	33
HISTÓRIA E CULTURA	36
MEMÓRIAS OLEIRAS - GRUPO SOCIAL	38
A VIDA OLEIRA: LEMBRANÇAS E DESAFIOS	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES A - transcrição das entrevistas	52

1. INTRODUÇÃO

Quando falamos em Brasília, lembramos que foi a primeira capital moderna efetivamente construída e projetada para representar o futuro, uma cidade prometida pela nossa Constituição para conectar todos os cantos do país. No entanto, apesar de cumprir com seu papel ao trazer melhor desenvolvimento para o interior, Brasília hoje reflete uma cidade extremamente segregada devido a uma série de políticas públicas. Sendo assim, o idealismo de ser uma cidade que conecta pessoas de diferentes classes e origens não funciona dentro da capital.

Brasília, com 33 Regiões Administrativas (RA's) criadas para descentralização administrativa e coordenação dos serviços públicos, revela um paradoxo: a mesma organização que visava conter o grande inchaço urbano, resultado da migração populacional durante sua construção, gerou problemas significativos de mobilidade urbana e saneamento. Atualmente, com uma população de 2.817.381, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, a capital excedeu em muito a previsão inicial de 500 mil habitantes. Essa expansão descontrolada trouxe consigo o descaso com culturas existentes ou previamente constituídas, marcando uma violência cultural e socioespacial que se enraíza nas políticas de apagamento cultural.

Este artigo propõe-se a trazer uma visão abrangente da constituição de Brasília, detalhando as etapas necessárias para seu concurso, os ideais que buscava alcançar e a realidade de sua segregação socioespacial. Além disso, a análise inclui as políticas que levaram a esse descaso e violência cultural, elucidando as razões e as consequências desse fenômeno. Assim como, trataremos para a discussão como a valorização da história e da memória cultural é fundamental para o desenvolvimento socioeconômico de uma cidade.

Para um estudo aprofundado, focamos em um caso específico: São Sebastião. Esta cidade transcende uma mera localização geográfica no Distrito Federal, tornando-se um território repleto de histórias, tradições e memórias que ecoam a formação e desenvolvimento da capital do Brasil. São Sebastião, fundada nas margens

do grande empreendimento de construção de Brasília, emergiu como um núcleo essencial para a produção de tijolos da capital, destacando-se pela atividade das olarias.

Este artigo busca iluminar a memória oleira de São Sebastião, investigando como essa atividade central influenciou a formação da cidade e o cotidiano de seus moradores. Contando ademais a história da concepção de São Sebastião, uma narrativa de transformação e adaptação, marcada pela transição das fazendas desapropriadas para um espaço urbano emergente, impulsionado pela força do trabalho manual e pela determinação de seus pioneiros que lutaram pela sua permanência.

Para conseguir essa visão mais íntima e vivida, escolhemos realizar entrevistas com antigos oleiros fornecendo uma visão mais detalhada com as falas de quem viveu uma época de trabalho árduo e resiliência, e com isso contar um pouco de como era a vida nas olarias. Entretanto, para além das memórias compartilhadas, conseguimos documentar não apenas o esforço físico e trabalho árduo dessas pessoas, mas também a celebração da comunidade e suas redes de apoio que surgiram entre os trabalhadores e suas famílias. Grande parte desses pioneiros foram encontrados através de um projeto existente na comunidade, Memórias Oleiras, que tem como objetivo ser um museu virtual e palco para essas histórias orais, a história de uma comunidade e suas vivências.

São Sebastião, com sua rica tradição oleira e comunidade resiliente, serve como um microcosmo da experiência brasileira de urbanização e desenvolvimento. Este artigo não só homenageia os esforços e as contribuições dos oleiros, mas também propõe uma reflexão sobre a preservação e celebração da memória coletiva da cidade. Ao lhes apresentarmos as histórias de São Sebastião, esperamos oferecer uma visão mais sensível da dinâmica que molda esta região e que enriquece e completa a história da cidade, narrativa essa que vai muito além do Plano Piloto.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Catalogar e evidenciar a identidade histórico-cultural do território de São Sebastião que é negligenciado e esquecido no Distrito Federal nesses quesitos.

Objetivos Específicos

Levantar, elucidar e catalogar, por meio de dados secundários, cidades em quadro de descaso histórico e urbano, considerando as particularidades de cada grupo e território, a fim de auxiliar em pesquisas futuras mais aprofundadas em coletas primárias e específicas.

A partir da cidade catalogada e escolhida, gerar material informativo que possa contribuir para o conhecimento sobre o lugar e dar base teórica para auxiliar na busca por direitos a partir de ações coletivas dos grupos ativos da comunidade.

Demonstrar a importância da memória para uma comunidade dentro do contexto urbano de conexão e evolução urbana.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

BRASÍLIA: IDEALISMO E REALIDADE

Neste capítulo buscamos investigar em uma metodologia do que seriam as cidades esquecidas de Brasília, conceito esse que advém de alguns pensamentos em conjunto e a análise do crescimento urbano da capital e do entorno. Porém, antes de entender melhor esse crescimento e a formulação desse termo é importante olharmos sobre a concepção da nossa capital: Brasília.

Brasília foi feita para ser um território governamental, um local relevante no cenário mundial, em local estratégico. Antigamente esse território se encontrava em Salvador, um dos maiores pontos de tráfego para os navios, tinha grandes construções que protegiam a cidade, assim como também era uma das maiores capitâncias de todo o território brasileiro. Em seguida, com a exploração de ouro em Minas Gerais, Marquês de Pombal transferiu a capital para o Rio de Janeiro.

Ademais, ambos se localizavam em áreas litorâneas, por conta da dependência dos portos. Entretanto, com a extensão territorial que o Brasil tomou, e a falha na comunicação com o interior do país, foi previsto desde a proclamação da república a mudança da capital para o centro do país. Apesar disso, o início para a mudança da Capital se deu apenas com a crescente das redes rodoviárias e importação de carros no País, e com a política dada por Juscelino Kubitschek, “50 anos em 5” a capital começou a se formar.

O processo da mudança da capital até sua confecção passou por algumas etapas, uma delas foi a Comissão Exploradora (Missão Cruls), responsável pelo levantamento e delimitação do espaço inicial, obtendo como conclusão o terreno do planalto favorável para a construção da nova capital do Brasil. Sendo assim, Brasília, assim como conhecemos, fica localizada no Planalto Central, em uma área de cerrado e localizada em um planalto com uma altitude média de 1.100 metros acima do nível do mar, assim como definido na Missão Cruls.

Desse modo, quando olhamos para analisar a posição geográfica definida na época, Brasília desempenha o papel de ser o epicentro político e geográfico do Brasil, além de termos um local que facilita a comunicação e o deslocamento entre as diferentes regiões que fortalece a integração nacional. Entretanto, é quando olhamos para a sua integração cidade-cidade, que vemos uma lacuna com diversos desafios urbanos decorrentes da expansão territorial devido a construção de Brasília, e o modo que foi levado o concurso da nossa cidade.

O concurso para o Plano Piloto de Brasília se deu apenas em 1957, realizado pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP). A comissão do concurso era composta por arquitetos brasileiros e internacionais, responsáveis pela construção do edital e júri. No edital estavam previstos alguns pontos como a justificativa do traçado básico da cidade, a localização dos principais edifícios e um relatório justificativo. Além disso, poderia ter apresentação de mapas de estudos de zonas, cálculos de abastecimento, indicação de progressão da cidade, indicações do uso do solo.

Decorridos 45 anos do concurso de Brasília, evidencia-se a importância deste como retrato do pensamento urbanístico no qual foi concebida a cidade. Consideramos importante o posicionamento de cada

arquiteto, ou grupo deles, ao planejar uma cidade do futuro, uma capital, com suas aspirações e respostas aos problemas comuns às cidades contemporâneas. O resultado dessas aspirações é visível em Brasília, as diferenças e as possibilidades apresentadas nos vários planos apontam soluções importantes a serem observadas. (BRAGA, 2002)

Apesar de esses pontos terem sido colocados como orientadores para a classificação dos colocados, o júri pouco deu importância para esses estudos mais avançados, sendo considerado dispensável para essa primeira etapa. Além disso, por questões políticas com relação à construção imediatista de Juscelino Kubitschek, com o objetivo de conclusão para até o fim de seu mandato, foi levado em consideração a rapidez construtiva, sem se importarem tanto com análises de crescimento populacional, condições do entorno entre outros fatores urbanos. Sendo assim, além dos problemas de inchaço urbano a longo prazo, com ele vieram alguns outros decorrentes também desse urbanismo, assim como algumas políticas públicas da época, dentre elas os assentamentos irregulares e segregação socioespacial.

E a partir disso, temos um projeto ganhador de Lucio Costa, com a emblemática cruz de dois eixos rodoviários principais com uma leve inclinação para se ajustar à topografia, de sul a norte residencial, leste a oeste o eixo governamental e monumental, e ao centro área de lazer e comercial. Ademais, apesar de parecer simples, Brasília não conta e nunca contou apenas com o plano piloto, como dito anteriormente os estudos de crescimento populacional não foi levado em conta e desde a sua construção viamos acontecendo diversos acampamentos e vilas surgindo para a demanda da construção da capital.

No texto do concurso a previsão era de 500 mil habitantes com a criação do Plano Piloto, e a partir dessa marca partiriam para a construção de outras Regiões Administrativas para a acomodação de outros habitantes. Hoje, contamos com 2.817.381 habitantes e com 33 (RA's). Ademais, segundo os censos do IBGE de 1960 a 2009 a capital cresceu 1.759,87%, saindo de 140.165 habitantes para 2.606.885. Sendo assim, apesar de no início esse processo de crescimento ter ocorrido pelo movimento de pessoas para a construção da capital, a cidade continuou em crescimento, tendo batido a previsão de habitantes em 1970 com 537.492 habitantes.

Com esse rápido aumento populacional, esperava-se que o planejamento e a ocupação das RA's começassem a partir de 1970. No entanto, a migração dos trabalhadores para Brasília desencadeou políticas segregadoras, levando à criação antecipada de RAs para alocar essas pessoas mais longe da capital. Paralelamente, surgiram acampamentos e assentamentos irregulares ao redor das construções, muitos deles anteriores à criação de várias RA's, como a Vila Paranoá e a Cidade Livre. À medida que esses acampamentos cresciam, mais RA's eram estabelecidas, geralmente em regiões afastadas do centro como Taguatinga e Ceilândia.

Embora essas regiões administrativas tenham sido criadas com a premissa de descentralização administrativa para melhor coordenação dos serviços públicos, ficou evidente que grande parte dessa organização visava apenas conter o inchaço urbano resultante da migração populacional durante a construção da cidade. Esse processo estabeleceu uma clara exclusão espacial entre as classes sociais, como afirma Corrêa.

“A oposição entre o Plano Piloto e as denominadas cidades-satélites é notável, conforme indicam os vários artigos contidos nas coletâneas organizadas por Paviani. Ela é o exemplo acabado do planejamento do Estado Capitalista criando condições distintas de vida e reprodução das diferentes classes sociais. Neste sentido, o planejamento reproduziu, sob outra forma, o velho modelo colonial descrito por Hansen e o padrão típico da cidade brasileira, com pobres na periferia”. (CORRÊA, 2004, p.27-28)

Ademais, essa divisão territorial, em princípio, poderia ser considerada aceitável, sob a condição de inexistência de assentamentos prévios à construção do Plano Piloto. No entanto, ao redor de Brasília, já existiam diversas ocupações, histórias e pequenas cidades começando a serem construídas, e é a partir dessa mobilização que podemos começar a enxergar como a memória e a história é tratada em nosso país. A exemplo disso é a Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, que apesar de ter restado o velho hospital que hoje é sede do Museu Vivo da Memória Candanga, mostra o tratamento das políticas públicas perante a memória das pessoas, gerando desconsideração pelas culturas preexistentes na região.

Sendo assim, para além da constituição da cidade, o aumento populacional que ocasionou a expansão territorial de Brasília espalhada, gerando na metrópole uma

concentração de oportunidades no Plano Piloto, contribuíram para a centralização urbana, e criando uma série de desafios urbanos. Além disso, a imposição do traçado urbano de Brasília, com seu caráter monumental e foco no rodoviarismo, fragmentou a cidade em setores, gerando um núcleo central forte. Isso acabou afetando no desenvolvimento dos serviços básicos das cidades já existentes, já que não eram o foco principal da construção e Brasília já tinha setores específicos para cada necessidade básica, como lazer, trabalho, moradia e serviços. Entretanto, hoje sabemos que essa setorização dificulta a vida da cidade, saindo da ideia de uma união constituindo a cidade, para pólos especializados e concentrados.

É a partir desses pensamentos e discussões que trabalhamos o termo cidades esquecidas. Se configura com essa especificação toda a cidade que por falta de capital e/ou gestão acabou se desconfigurando de sua memória aos poucos. Desse modo, conseguimos encaixar também a definição conforme Bravo e Laborde (2009), essas cidades sofrem com essa escassez de capital e por sua vez lutam pelo sentimento de preservação. Nesse sentido, entram em destaque essas cidades que configuramos como esquecidas e evocam a reconstrução da existência ou sabedoria desses grupos e indivíduos no espaço urbano para se fazer a cidade mais viva e com memória novamente. Desse modo, conseguimos encontrar algumas que acabaram no esquecimento, tendo casos de cidades que data de muito antes da construção, e outras que se constituíram junto com a capital.

Essas cidades têm história e cultura própria, com valor e espaço de memória junto a comunidade que cresceu junto da cidade em si, evidenciando mais ainda a importância da junção da sua preservação histórica e cuidados com a urbanização desses espaços. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), quando falamos de patrimônio e cultura material são aqueles que conseguimos ver, palpar e conseqüentemente conseguimos preservar, mas no imaterial se torna intangível essa conservação, pois muitas vezes está nas memórias afetivas, cultura ou hábitos.

Desse modo, a justificativa para o investimento urbano sobre um patrimônio material é simples, a boa conservação do espaço, assim como o seu entorno traz vida às cidades. Entretanto, se tratando de patrimônio imaterial o que deve ser preservado

não é necessariamente um bem ou objeto, e sim as pessoas que carregam em si as memórias afetivas. Segundo Bravo e Laborde (2009), onde resumem que na cidade é onde

“a identidade local sofre o assédio, mesmo que ínfimo posto a escassa riqueza, do capital a ponto de se travar verdadeira batalha pela preservação – medida arbitrária e de pouco retorno se levadas em consideração todas as derrotas acumuladas pelos agentes preservacionistas – é urgente a introdução de medidas que visam fortalecer os vínculos que unem os valores locais aos indivíduos e ao tempo espaço, e que unem coisa e valor no caso do patrimônio. O destaque aos lugares de memória, pontos na geografia da cidade que evocam a reconstrução da existência de grupos e indivíduos inseridos na convivência oportunizada por esse ambiente, tais como mercados, praças, locais de reunião social, enquanto espaço de convivência e experiência do grupo é uma iniciativa para a educação patrimonial e o fortalecimento da identidade do nortense”. (BRAVO e LABORDE, 2009, pag. 132.)

Sendo assim, cidades esquecidas são todas aquelas que por motivos de capital, entrando na questão também geográfica e social do porquê não haver esse capital, sofre com todas as necessidades, dificuldades e empecilhos para a urbanização, e nesse caso o nosso enfoque é sobretudo nessas cidades com valor histórico cultural.

Apesar do esforço de diferentes grupos da sociedade civil no sentido de resgatar, registrar e preservar a memória dessas pessoas e lugares, não existem até o momento ações efetivas por parte do Estado na maioria dos casos. Grande parte do que é preservado hoje está apenas no âmbito material, em contrapartida o imaterial tem um processo muito mais desafiador e difícil de se manter por se tratar de memórias, hábitos e principalmente de pessoas.

Enquanto brasileiros, temos resguardados o direito à cidade, moradia e lazer, preservação da identidade, ação, e a memória dos diferentes grupos. Mas quando colocamos na prática as ações Governamentais vão de encontra a isso, resgatando um pouco do que já foi dito, os assentamentos, mesmo com histórias e lutas para a permanência foram retirados, a vila Paranoá por exemplo, hoje são apenas ruínas e uma igreja, e a Cidade Livre resta apenas o museu. Sendo assim, quando colocamos

todos esses fatores, o não cumprimento da lei apenas permite que a história material, imaterial, incluindo a história oral, não sejam preservadas, desmerecendo a dignidade da pessoa humana, sendo assim a maneira que é tratada o apagamento da memória, restando apenas a história do vencedor.

COMO A MEMÓRIA É TRATADA NO BRASIL

Outro tema a ser colocado em pauta sobre as incumbências relativas às nossas políticas em relação à memória, é como desde os primórdios a mesma é tratada no Brasil, como os intelectuais começaram essa discussão até chegarmos no que entendemos hoje como patrimônio, história e cultura. Ademais, é de extrema importância entendermos a ligação entre a política e o patrimônio, além dos movimentos ocorridos no Brasil para pensarmos a ideia de identidade e cultura brasileira.

Apesar da história do IPHAN ter começado em 1934, as ideias que as rodeavam se iniciaram muito antes. Dentre as diversas guerras ocorridas na Europa, principalmente durante a Revolução Francesa, e entre os vencedores e perdedores, haviam diversas casas, palácios, objetos, e histórias, todas registradas de alguma forma, e várias ainda perdidas com a destruição. Entretanto, foram se criando o hábito de ocupar ao invés de apagar, transformar esses locais e preservar essa história, mesmo que não condizente a uma época ou pessoas que no “agora” não fizessem mais parte. Ademais, quando falamos de mudança de poder falamos ainda em resistência e aceitação, e a partir desse contexto que o patrimônio no Brasil irá surgir.

Em 1889 tivemos, assim como na França, nossa mudança de Monarquia para República, e junto com isso a ideia de resistência e aceitação pairava sobre o país. E sobretudo a manter uma relação de poder e dominação foi se utilizado como artifício a arquitetura para mudança da imagem governamental, sendo assim, surge junto com a República o Ecletismo. Essa estratégia é para demonstrar o poder e a fortaleza no novo governo, trazendo inovação e mudança sobre as imagens das edificações que existiam, entretanto essa mudança acaba afetando as coisas do passado se feitas para tapar algo existente, apagando totalmente um período da história.

Esse processo ocorreu novamente em 1930 com a Era Vargas e o surgimento do movimento modernista, dois acontecimentos que apesar de diferentes iram ser complementares nessa discussão sobre o patrimônio e a formulação do seu conceito pela primeira vez no Brasil. Isso se deu por conta dos discursos da literatura antropofágica que disseminada ao longo do tempo encontrou ressonância no discurso modernista da arquitetura e diversas outras artes, influenciando profundamente a produção intelectual no Brasil. Quem cita essa consonância entre a literatura, arquitetura e patrimônio é a pesquisadora e socióloga Maria Cecília Londres Fonseca, com o livro sobre sua tese de doutorado - O Patrimônio em processo, trazendo alusões históricas artísticas e arquitetônicas sobre a construção da ideia de patrimônio no Brasil.

A exemplo disso temos Lúcio Costa, citado em sua tese, como sendo um dos nomes mais proeminentes do movimento moderno, e que teve uma trajetória que incluía também a produção no estilo neoclássico/eclético. No entanto, Costa criticava a reprodução acrítica desse estilo e preferia alusões e adaptações que se inspiravam nas produções arquitetônicas tipicamente brasileiras, como o barroco/colonial, se configurando então um moderno antropofágico.

Sendo assim, a literatura modernista trouxe à tona discussões importantes sobre a identidade cultural brasileira, em parte como uma reação à reprodução de modelos europeus prevalentes, esse fenômeno ocorreu tanto na literatura como na arquitetura e artes em geral. Essa reflexão construída nos dois campos sobre o que constitui a cultura e tradição brasileiras envolveu um debate intenso entre diversos intelectuais e artistas da época. Um nome importante que a doutora Maria Fonseca trás, e que tratou sobre esse aspecto foi Mário de Andrade, que acreditava que a identidade nacional do Brasil não estava em apenas uma coisa, e muito menos nas suas obras, mas que seria algo para se ver no futuro com análise do passado.

Entretanto, podemos acrescentar que essa busca pela identidade cultural brasileira não esteve isenta de influências políticas, especialmente durante a era Vargas. O governo de Getúlio Vargas utilizou a ideia de uma tradição cultural unificada como ferramenta para promover o sentimento de união e patriotismo no país. Muitas políticas da época visavam homogeneizar a cultura nacional, o que resultou na

marginalização de culturas tradicionais, especialmente aquelas de origem negra e periférica. Esse período foi marcado por ações de preservação que priorizavam edificações que refletiam essa visão de unidade nacional desejada por Vargas, em detrimento de outras manifestações culturais.

Em contraste, o modernismo brasileiro adotou uma postura diferente, buscando uma ruptura estética em relação às europeias, mas sem abandonar as técnicas vernaculares genuinamente brasileiras, ou seja, as culturas tradicionais. Esse diferencial permitiu que o modernismo, tanto nas artes, literatura e arquitetura se desviasse de um modernismo de pastiche europeu, criando algo verdadeiramente único e representativo da cultura brasileira, com especificidades culturais e climáticas do Brasil. Esse movimento não apenas rejeitou a mera imitação das tendências europeias, mas também propôs uma integração harmoniosa entre a modernidade e as tradições locais.

Essa dicotomia entre o discurso político de homogeneização cultural e o modernismo estético de ruptura reflete as complexas interações entre identidade, política e cultura no Brasil. Na tese da doutora Maria Fonseca, podemos afirmar que o modernismo, ao abraçar a diversidade e a inovação, contribuiu para a construção de uma identidade que mesmo em meio às pressões políticas, conseguiu afirmar uma autenticidade brasileira, sendo reconhecida internacionalmente como Modernismo Brasileiro. Entretanto, o discurso político e suas ações perpetuam uma cultura brasileira não diversa, deixando muitas outras no esquecimento.

Isso se deu pois as políticas de preservação cultural durante a era Vargas acabaram privilegiando determinadas classes sociais, cultura da elite por assim dizer. Este favorecimento estava alinhado com o ideal de união nacional que Vargas promoveu como dito anteriormente, que frequentemente não condizia com a diversidade cultural do país. Naquele período, o foco estava predominantemente no patrimônio material, sejam bens imóveis ou móveis, tendo uma mudança de discurso somente nas décadas de 1970 e 1980, onde as discussões sobre o patrimônio imaterial começaram a ganhar espaço. Este novo enfoque trouxe à tona questões sobre modos de vida, práticas culturais, colocando em pauta a preservação de tradições como as dos quilombos, dos indígenas, dentre tantas demais culturas de povos tradicionais.

Modificar uma mentalidade que por anos privilegiou uma visão estreita de tradição é um desafio até os dias de hoje, especialmente em um país que foi o último nas Américas a abolir a escravidão. A inclusão de culturas marginalizadas, como as afro-brasileiras, indígenas, de um povo que constrói o Brasil braçalmente, colocar esses povos dentro da narrativa de patrimônio cultural requer um esforço significativo de reeducação e sensibilização. Isso se deve ao fato de que a preservação dessas culturas não se limita a estruturas físicas, mas envolve práticas, línguas e conhecimentos que são transmitidos de geração em geração.

Sendo assim, a preservação da cultural enfrenta muitas dificuldades, especialmente quando se trata da história dos "perdedores", pois, a partir da visão de George Orwell, onde "A história é escrita pelos vencedores.", quem daria bola para aqueles cujas vozes foram historicamente silenciadas por não serem esses "vencedores". Vendo isso como exemplo, a preservação de uma casa colonial é raramente questionada, enquanto a conservação de uma língua indígena ou uma tradição quilombola muitas vezes não recebe a mesma atenção. Essa disparidade revela uma visão limitada, seletiva e fraca do que constitui patrimônio cultural para o nosso país.

Além disso, a cultura e o conhecimento que residem nas pessoas são extremamente difíceis de catalogar e preservar. Este tipo de patrimônio é intrinsecamente ligado à comunidade e ao contexto em que é praticado, sendo um "objeto" de proteção que transcende o material. A preservação de práticas culturais imateriais envolve o direito humano, à identidade cultural e à continuidade de modos de vida tradicionais. É um desafio que vai além das capacidades das políticas tradicionais de preservação, exigindo abordagens que respeitem e valorizem a diversidade cultural e os direitos das comunidades.

Portanto, apesar da discussão sobre patrimônio cultural no Brasil ser muito mais abrangente comparada com sua definição no início dos anos 20, ainda deve ser mais valorizada em sua forma plena e justa as várias culturas que compõem a identidade nacional. Isso implica trazer a grande parte da população que cuidar do patrimônio não é apenas proteger edifícios históricos, mas também reconhecer e valorizar as práticas culturais imateriais que são igualmente fundamentais para a

riqueza cultural do país. A mudança de perspectiva perante a população é o objetivo e um compromisso contínuo para com a justiça cultural e a inclusão, respeitando o direito das comunidades de preservarem e transmitirem suas tradições e conhecimentos, fazendo com que revertam o quadro de violência perante essa cultura “marginalizada”.

Mas afinal, por que preservar a cultura, a identidade e a memória? Para que fazer com que a população queira proteger esse patrimônio? Para entender essa questão, é crucial refletir sobre a importância da memória dentro da sociedade, junto da ideia de democracia. Pois, apesar da história não ser apenas um registro de eventos passados, mas sim uma ferramenta essencial para compreender o presente e moldar o futuro, iremos nos utilizar da memória para nos conectar com o presente. Desse modo, é importante dizer que vamos prezar nesse estudo é muito mais que a memória, que não é sobre o passado como dito pelos arqueólogos e historiadores, mas o que conta para a memória é como o passado é lembrado.

Tornar-se senhor da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória (LE GOFF, 1984, p. 13). “cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica” (LE GOFF, 2003, p.471).

Sendo assim, a alusão a esses conceitos nos ajuda a reconhecer por que a memória e a identidade são essenciais não apenas para as pessoas diretamente envolvidas, que têm suas memórias eternizadas, mas também para a sociedade como um todo. A preservação cultural oferece um sentimento de pertencimento e identidade, algo humano que conecta, que motiva os indivíduos a lutar por sua proteção. Esse empenho, seja pela preservação de bens materiais ou imateriais, pode provocar mudanças significativas tanto no âmbito político quanto socioespacial, valorizando as cidades e fortalecendo a coesão social.

Ademais, é de suma importância entender também que apesar de a memória ser importante, sem sua preservação ela cai no esquecimento, pois é algo cultural e

que está nas pessoas. Além disso, é a partir da democracia, participação política, ações cidadãs e lutas pelo direito que se começa a preservação. A preservação cultural não é apenas uma questão de manter tradições vivas, ainda mais, algo que podemos fazer apenas por meios legais e políticos. Mas a preservação da memória também pode estar em um ato de cidadania que promove a inclusão, a diversidade e a justiça social, ao valorizar as memórias e identidades de todas as comunidades, estamos construindo um futuro mais equitativo e coeso, onde todos os cidadãos têm voz e lugar.

E para além do porquê, temos também o como, pois a preservação cultural desempenha um papel fundamental na formação da cidadania e no fortalecimento da democracia, mas não conta apenas com os aparatos das políticas públicas de patrimônio catalogado. Desse modo, setores como o turismo e a educação entram como contrapontos para ajudar na valorização da memória e cultura. Essa discussão é interpretada a partir de uma publicação da Revista memória em rede, e escrita pelos autores Marcela Padilha, Viviane Lavandeira, Vitor Stuart Gabriel de Pieri, onde vão discutir sobre a importância destes setores que oferecem caminhos valiosos para reconhecer, valorizar e instigar o sentimento de pertencimento desde a infância, contribuindo para a construção de uma sociedade mais consciente e integrada.

Sendo assim, é importante salientar que o turismo cultural é uma ferramenta importante e que pode ser utilizada para a preservação da memória e da identidade de uma comunidade. Pois, é através do turismo que conseguimos ter a oportunidade de conhecer e vivenciar as peculiaridades de uma cultura e suas tradições. Este contato direto com o patrimônio cultural, sejam monumentos históricos, festas, ou comida típica, permite uma compreensão maior a respeito das diversas culturas que compõem um país.

Já no contexto educacional, o ensino patrimonial pode ser incorporado desde os primeiros anos escolares, formando a conscientização, valorização do patrimônio cultural e a sensibilização de pertencimento. Desse modo, a educação patrimonial deve ser vista como uma parte essencial do currículo escolar, pois é através de projetos educativos e interativos com comunidades locais, que as nossas crianças podem experimentar de forma mais intensa a importância da preservação cultural. Sendo assim, estas atividades não só aumentam o conhecimento histórico e cultural, mas

também promovem habilidades críticas, pois nessa ideia a criança e o mestre estariam trocando interações e informações dando a capacidade de analisar e refletir sobre a importância da memória coletiva e do patrimônio.

Além das visitas e atividades práticas, a integração de conteúdos sobre a diversidade cultural, a história dos povos indígenas, afrodescendentes e outras comunidades tradicionais no currículo escolar é vital. Isso ajuda a construir uma narrativa inclusiva e plural, que reflete a verdadeira diversidade cultural do país. O reconhecimento e a valorização dessas histórias contribuem para uma identidade nacional mais rica e coesa.

Sendo assim, o turismo e a educação, quando bem direcionados, têm potencial de proporcionar mudanças significativas em relação a como nosso patrimônio é tratado, não só pelo governo mas pelas pessoas. O turismo sustentável pode gerar benefícios econômicos para as comunidades locais, pois incentiva o comércio no local, além de trazer a preservação de suas tradições e modos de vida. E ao mesmo tempo, a educação patrimonial pode formar cidadãos mais conscientes e engajados, que reconhecem a importância da diversidade cultural e lutam por sua preservação e memórias para uma cidade ativa.

Mediante a discussão sobre as políticas de preservação da memória no Brasil, revela uma trajetória complexa, desde os primórdios da preocupação com o patrimônio cultural até a atualidade, onde a valorização do patrimônio imaterial ganha cada vez mais destaque. Sendo ainda essa preservação cultural como fundamental para a formação da cidadania e o fortalecimento da democracia através do reconhecimento da memória e da identidade que dão corpo ao que seria esse bem patrimonial carregado de pertencimento. Ademais, sem elas, não podemos construir uma democracia verdadeira, pois a valorização da diversidade cultural e o respeito às tradições são passos cruciais para uma sociedade mais justa e coesa.

Portanto, a preservação cultural deve ser entendida como um compromisso coletivo que vai além das políticas públicas. Ela envolve a participação ativa de todos os setores da sociedade, desde a educação, artes, arquitetura, história, turismo, e passando pelas iniciativas comunitárias e individuais. Em suma, a preservação da

cultura, identidade e memória não é apenas uma questão de proteger o passado, mas de construir um presente e futuro onde a diversidade é valorizada e respeitada. Este é um desafio contínuo, que exige educação, diálogo crítico e participação cidadã e principalmente a luta pelos nossos direitos. Somente assim poderemos garantir que nossas memórias e identidades sejam eternizadas e que nosso patrimônio cultural, em toda sua plenitude e diversidade, sirva como um alicerce sólido para uma sociedade democrática, fortalecida e mais humana.

3. MÉTODO

SELEÇÃO E DELIMITAÇÃO DAS CIDADES

Diante do exposto nos capítulos anteriores, e com o objetivo central desta pesquisa esclarecido sobre o objetivo de evidenciar a identidade histórico-cultural, algumas decisões foram essenciais desde a concepção inicial até a formulação deste artigo. A proposta inicial de nossa pesquisa era catalogar e registrar a memória e a identidade das várias cidades esquecidas que, de alguma forma, tiveram uma participação relevante na construção da cidade de Brasília - o Plano Piloto. No entanto, ao compreender melhor a dimensão da pesquisa e priorizar informações qualitativas, tornou-se necessário selecionar apenas um estudo de caso para representar a nossa hipótese sobre o abandono das histórias que circundam a construção de Brasília.

A decisão sobre quais cidades considerar para o estudo levou em conta a importância de catalogar essas localidades, identificar suas semelhanças e diferenças, mergulhar em sua cultura e registrar sua história e identidade. Embora algumas cidades tenham sido excluídas para fins desta pesquisa específica, todas as cidades identificadas como apropriadas dentro do recorte definido serão brevemente mencionadas neste artigo. Isso servirá como um alerta e incentivo para futuros estudos que possam catalogar suas memórias específicas.

Para a escolha das cidades incluídas no catálogo, estabelecemos os seguintes critérios:

- História e cultura fortemente ligadas à sociedade e à relação com a construção da cidade de Brasília.
- Presença de grupos ativos em cada local, considerando suas peculiaridades patrimoniais e culturais para chamamento das pessoas a entrevista.
- Patrimônio existente, seja material ou imaterial, que necessite de registro e preservação.
- Tempo de pesquisa necessário para cada área.
- Empecilhos de interesse público/privado que possam influenciar a viabilidade da pesquisa.

Além disso, o crivo para a escolha da cidade para o estudo de caso incluiu a relevância midiática ou governamental reduzida, a presença de grupos e entidades que lidam com questões patrimoniais e culturais, e a existência de patrimônio material e imaterial. Após uma análise criteriosa, identificamos uma cidade com características distintas e situações patrimoniais diversas, proporcionando uma base rica para nossa pesquisa. A cidade escolhida para o estudo de caso aprofundado, onde contaremos sua história e recolhemos dados para a visualização do descaso atual, sendo ela São Sebastião.

São Sebastião, uma cidade originada durante a construção de Brasília, permanece pouco falada e reconhecida pela sua participação ativa na construção da capital com a produção de tijolos e cerâmicas. Com um patrimônio em grande parte perdido devido à expansão urbana, a cidade ainda mantém uma rica memória afetiva entre seus moradores, especialmente preservada pelo grupo Memórias Oleiras¹. Este grupo é fundamental na documentação e preservação das histórias e tradições locais, representando uma fonte crucial de informações para nossa pesquisa.

A escolha de São Sebastião como estudo de caso permite uma análise detalhada de uma cidade que, apesar de sua contribuição significativa, enfrenta o esquecimento e a negligência tanto no âmbito midiático - visibilidade patrimonial, quanto governamental - descasos urbanos.

¹ Acesso para a página do grupo no site: <https://memoriasoleiras.com.br/>. acesso em 2024.

Com a área de recorte definida e visando favorecer a pesquisa qualitativa por dados primários, a equipe pesquisadora coletou a partir de entrevistas, histórias dos moradores sobre a cidade que fomentou a relevância histórica e cultural. Nas entrevistas foram usadas perguntas baseadas sobre suas histórias e a cidades. Os sujeitos da pesquisa qualitativa das entrevistas foram pessoas vinculadas ao território em estudo, sendo eles pioneiros e filhos de pioneiros da cidade. Ademais, para complementar o discurso do estudo de caso, foi usado também dados secundários como monografias e outros estudos da área para criar a narrativa do estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Figura 1 - Mapa ilustrativo das cidades catalogadas. Fonte Geoportal 2015.

OUTRAS CIDADES CATALOGADAS

Para o fim de resultado chegamos a um estudo de caso específico, sendo ele a cidade de São Sebastião-DF. Entretanto, outras cidades foram levantadas, e como dito anteriormente, o levantamento para o catálogo dessas outras cidades foi incluído na pesquisa para fim de alerta e incentivo para futuros estudos que possam catalogar suas

memórias específicas. Abaixo, apresentamos uma lista dessas cidades, acompanhada de um breve histórico e dos motivos pelos quais não foram escolhidas como estudo de caso principal:

- Planaltina

Histórico: Uma das cidades mais antigas do Distrito Federal, Planaltina foi fundada em 1859, entretanto há registros de habitação desde a colonização da região datando de 1725. Planaltina teve um papel importante na formação inicial da região que viria a abrigar Brasília, especialmente após a nomeação da Comissão Cruls em 1892, que marcou o início de uma era mais urbanizada para a região com a indicação da cidade como ponto de apoio à construção. Além disso, é nas terras de Planaltina que se localiza a pedra fundamental de Brasília, o marco inicial para a construção da capital.

Motivo de Exclusão: Apesar da urbanização acelerada a partir dos anos 1960, impulsionada pela inauguração de Brasília, que inclusive gerou danos ao patrimônio colonial local. Planaltina já possui uma certa relevância histórica e patrimonial reconhecida, inclusive pelo Iphan, tanto pela mídia quanto pelo governo. Ademais, temos previsto em lei garantido no PDOT no Art. 110. onde há estratégia de revitalização voltada à preservação do patrimônio cultural, com adequação à dinâmica urbana e à estrutura físico-espacial do objeto de preservação, podendo ser financiado pública e particularmente. Sendo assim, as áreas no Setor Tradicional de Planaltina, compreendendo o espaço urbano e as edificações adjacentes à Praça São Sebastião de Mestre D'Armas, a Praça Coronel Salviano Monteiro Guimarães e a Praça Antônio Marcigaglia, passando pela Avenida Goiás até a Avenida Independência estão abarcadas nesse escopo de revitalização. Entretanto, os demais patrimônios não tem pretensão nenhuma de proteção no ponto urbanístico.

- Sobradinho

Histórico: Sobradinho, foi fundada em 13 de maio de 1960, e inicialmente estava planejada para ser uma cidade rural/dormitório. A cidade foi projetada para abrigar as famílias que viviam nas Vilas Amauri e Bananal, que precisaram ser realocadas devido à inundação para a construção do Lago Paranoá. Além disso,

também foram realocadas famílias das Vilas dos Sarrafos, dos Afogados e de Tamboril. Além disso, apesar da ideia original de Sobradinho se destacar para ser uma espécie de cidade-dormitório, com um caráter fortemente agrícola, a cidade não seguiu exatamente o plano original

Motivo de Exclusão: Apesar de sua importância e pouco visibilizada como contribuinte para a construção de Brasília, possui uma visibilidade maior em relação a outras cidades menos conhecidas, além de não encontrarmos contato com os grupos locais. Ademais, foi encontrado um artigo sobre a cidade, escrito por Viviane de Ceballo (2014), especificamente sobre a memória do local, com o objetivo de recontar a história de Brasília e da cidade a partir da memória e a história oral obtida, semelhante ao que se pretende fazer.

- Paranoá - Vila Paranoá

Histórico: Criada para abrigar operários que trabalharam na construção do Lago Paranoá, com um total de 7 companhias para a construção da barragem, a Vila do Paranoá é uma cidade com uma rica história associada aos trabalhadores braçais de Brasília. A luta pela permanência da Vila foi grande contanto com protestos contra a retirada dos trabalhadores, entretanto todos foram realocados e as casas derrubadas, restando hoje um parque ecológico onde podemos encontrar vestígios de fundações, a administração, a escola, e a igreja que ali tinha.

Motivo de Exclusão: Apesar de sua importância e pouco visibilizada como contribuinte para a construção de Brasília, não foi encontrado contato de grupo ativo. Ademais, foi encontrado um trabalho de mestrado sobre a Vila, construído por um dos ex-morador e artista, Gerson de Castro Silva (2020), que produziu quadros sobre a vivência da época.

- Brazlândia

Histórico: Assim como Planaltina, Brazlândia tem uma história de antes da construção de Brasília, dada inicialmente como Chapadinha, um povoado fundado em 1852 nas terras de Luziânia, sendo posteriormente alcançada o título de distrito e renomeada como Brazlândia. A região tinha como suas atividades econômicas práticas

rurais até 1958, quando foram desapropriados mais de mil alqueires para a construção do Lago Descoberto, responsável por grande parte do abastecimento atualmente. Entretanto, desde a inauguração de Brasília em 1960, Brazlândia experimentou um crescimento acelerado, recebendo imigrantes japoneses e agricultores de várias partes do Brasil, que se estabeleceram principalmente no Núcleo Rural Alexandre Gusmão. Brazlândia tornou-se oficialmente uma Região Administrativa em 1964, e ao longo das décadas de 1970 e 1980, sua produção agrícola aumentou significativamente.

Motivo de Exclusão: Apesar de sua importância e pouco visibilizada como contribuinte para a construção de Brasília, não foi encontrado grupo ativo que representasse as questões culturais da cidade. Ademais, apesar de pouco ainda tem muita repercussão sobre as festas e festivais que ocorrem em Brazlândia como a festa do morango que virou tradição em Brasília.

- Vila Planalto

Histórico: A Vila Planalto, também uma das primeiras áreas habitadas no Distrito Federal, serviu ao propósito de inicialmente ser alojamento para os trabalhadores que participaram da construção de Brasília. A região começou a se formar também em 1956, durante o período de construção da nova capital. Entretanto, apesar de planejada para ser removida após as obras, a Vila Planalto acabou por se consolidar como um bairro permanente. Isso se deu em parte devido à resistência dos moradores que se estabeleceram e criaram raízes no local. A história da Vila Planalto e da Candangolândia, apesar de semelhantes são diferentes, enquanto uma teve que lutar para sua permanência, a outra conseguiu de certa forma mais fácil o seu assentamento, e isso se deve muito por sua proximidade com o plano piloto e a política de erradicação em massa que ocorreu na época da inauguração, Ceilândia e Taguatinga foram criadas como prova disso. Sendo assim, com a permanência da Vila assegurada, isso a transformou em uma área residencial com um papel significativo na memória e na história da construção de Brasília.

Motivo de Exclusão: Apesar de sua importância e pouco visibilizada como contribuinte para a construção de Brasília, e a memória da luta popular, possui uma visibilidade maior em relação a outras cidades menos conhecidas, além de não

encontrarmos contato com os grupos locais. Ademais, há no arquivo público uma publicação sobre a história da cidade a partir de relatos, cartas contando a história da cidade, trazendo luz a memória da cidade.

- Núcleo Bandeirante - Cidade Livre

Histórico: Inaugurada em 1956, junto com duas principais avenidas comerciais e para lazer, a Cidade Livre começava a criar forma, seu nome se deu a partir da promessa de ser livre de impostos como atração aos comerciantes. No desenvolver da história, muitas pessoas se assentaram perto da cidade por conta de ser o único polo comercial da região na época da construção, entretanto com a determinação da Novacap de que a cidade fosse de uso exclusivo comercial e a aproximação da inauguração de Brasília, os moradores da região se manifestaram pela permanência. Apesar de mandatos de despejos e a tentativa de transferi-los para outras RA's, os moradores conseguiram a anuência para a sua permanência no local.

Motivo de Exclusão: Apesar de sua importância e pouco visibilizada como contribuinte para a construção de Brasília como uma das únicas cidades comerciais que abastecia a construção, possui uma visibilidade maior em relação a outras cidades menos conhecidas, além de não encontrarmos contato com os grupos locais. Ademais, há no arquivo público uma publicação sobre a história da cidade a partir de relatos, cartas contando a história da cidade, trazendo luz a memória da cidade, assim como a Vila Planalto.

- Candangolândia

Histórico: A Candangolândia, assim como a Vila Planalto e Telebrasil, foi também uma das primeiras áreas habitadas no Distrito Federal, inicialmente servindo como alojamento para os trabalhadores que participaram da construção de Brasília, os chamados "candangos", no seu início era chamada de Vila Operária, depois Vila dos Candangos, até chegar em Candangolândia. A região começou a se formar em 1956, durante o período de construção da nova capital, entretanto com a mudança da Novacap da Candangolândia para o plano piloto ficou-se apenas uma boa estrutura para e com vários equipamentos públicos, transformando o local propício para uma

área residencial, fazendo com que os assentamentos saíssem de casas de madeira para construções de alvenaria.

Motivo de Exclusão: Apesar de sua importância e pouco visibilizada como contribuinte para a construção de Brasília como uma cidade remanescente dos alojamentos das construções, não encontramos contato com grupos locais. Ademais, há no arquivo público uma publicação sobre a história da cidade a partir de relatos, cartas contando a história da cidade, trazendo luz a memória da cidade, assim como Núcleo bandeirante e a Vila Planalto.

- Telebrasília

Histórico: Telebrasília, assim como a Vila Planalto e Candangolândia, também foi uma das primeiras áreas habitadas no Distrito Federal, servia como alojamento para os trabalhadores da construtora Camargo Corrêa, que participava da construção de Brasília. A região começou a se formar junto com as demais em 1956, período da construção. O alojamento da Telebrasília se localiza à beira do Lago Paranoá ao final da Asa Sul. A decisão final para sua permanência saiu em 1991, 35 anos depois, e com a condição de respeitar os padrões construtivos existentes aos da ocupação original, mantendo a volumetria baixa e vegetação no local.

Motivo de Exclusão: Apesar de sua importância e pouco visibilizada como contribuinte para a construção de Brasília como uma cidade remanescente dos alojamentos das construções, não encontramos contato com grupos locais. Ademais, há no arquivo público uma publicação sobre a história da cidade a partir de relatos, cartas contando a história da cidade, trazendo luz a memória da cidade, assim como Núcleo bandeirante e a Vila Planalto.

- Ceilândia

Histórico: A origem de Ceilândia está diretamente ligada ao processo de urbanização e expansão de Brasília. Foi fundada oficialmente em 27 de março de 1971, como parte de um esforço do governo para realocar famílias que viviam nas áreas central de Brasília como ocupações informais. Várias das primeiras famílias

reassentadas vieram de várias invasões como IAPI, Tenório, Esperança, Bernardo Sayão, Colombo, entre outras, totalizando cerca de 70 mil pessoas para a nova RA. Ademais, o nome "Ceilândia" deriva da sigla CEI (Campanha de Erradicação de Invasões), uma iniciativa do governo para remover invasões e organizar a ocupação urbana de forma planejada, entretanto nada mais foi do que uma política de segregação com a inauguração de Brasília.

Motivo de Exclusão: Apesar de ser uma Ra com problemas urbanos e que sofre até hoje com o preconceito perante as políticas segregadoras da época. É uma das cidades-satélites mais conhecidas por sua cultura e história local, com uma infraestrutura que já recebe certa atenção governamental e midiática.

- Taguatinga

Histórico: Taguatinga, nome derivado do tupi-guarani e que significa "terra branca" ou "barro branco", foi planejada para lidar com a rápida urbanização e os problemas habitacionais que estavam acontecendo na nova capital, Brasília. A cidade foi oficialmente fundada em 5 de junho de 1958, após a chegada de cerca de 5 mil nordestinos que se estabeleceram precariamente na região. Para resolver o problema da moradia, a NOVACAP designou os arquitetos Lúcio Pontual Machado e Milton Pernambuco para adaptar a área de Taguatinga em um núcleo urbano. Além de não haver estudos prévios aprofundados, o planejamento urbano ainda teve que ser rápido e adaptativo, para a rápida acomodação dos pioneiros que chegaram. Entretanto, o crescimento exponencial contínuo de Taguatinga a fez se tornar uma das regiões administrativas mais importantes do Distrito Federal, com uma economia diversificada e de certa forma autônoma pela sua infraestrutura dentro do quesito de atender os princípios básicos dos habitantes, sem dependência do plano piloto

Motivo de Exclusão: É uma das cidades-satélites mais desenvolvidas e conhecidas, com uma infraestrutura que já recebe certa atenção governamental e midiática, entretanto percebeu-se um pouco de falha em relação a manutenção da cultura e memória do local, não encontramos estudos sobre o tema cultura em taguatinga.

SÃO SEBASTIÃO

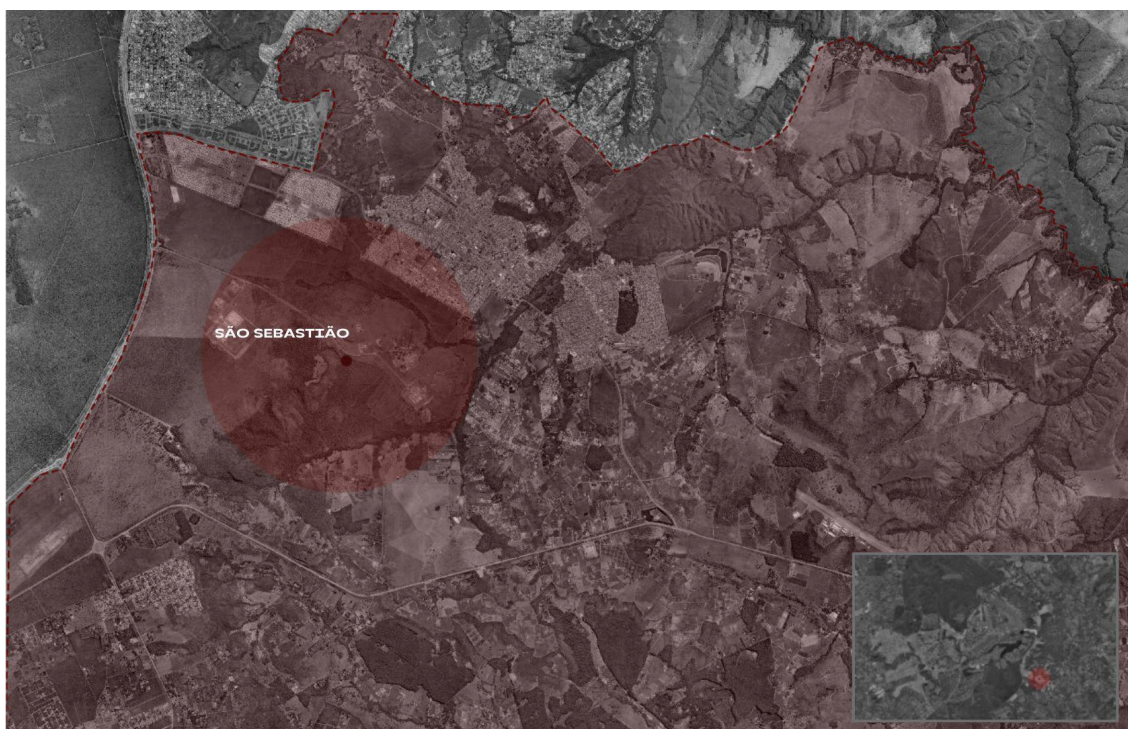


Figura 2 - Mapa ilustrativo de São Sebastião. Fonte Geoportal 2015.

Como dito no decorrer deste capítulo foram vários fatores para chegarmos até a cidade de recorte para essa pesquisa. A cidade de São Sebastião desde o princípio acabou se destacando entre as demais por sua história remanescente intrigante, e a falta de visibilidade midiática, mas principalmente pela força de vontade da mobilidade dos moradores em manter essa memória popular viva. Ademais, os estudos encontrados da cidade, apesar de serem riquíssimos sobre a concepção da cidade, sentimos ainda falta da parte mais humana e dar mais profundidade a parte pessoal da relação pessoa e cidade que queremos construir, pois como a história dessa comunidade fala por si só, é mostrando a importância e tendo luta que conseguimos mudança coletiva.

Deste modo, para começarmos a construção da conexão das pessoas a cidade é importante termos uma contextualização da concepção de São Sebastião. Para isso, fizemos o uso da tese de mestrado da Mara Araujo - Do sonho a cidade real que disserta sobre o caminho da cidade de vila a RA. Desse modo, São Sebastião, localizada no Distrito Federal, tem uma história intrinsecamente ligada à construção de Brasília,

sendo mencionada desde a Missão Cruz. Na época, a área que atualmente constitui São Sebastião fazia parte da antiga Fazenda da Papuda, um local que ganhou notoriedade devido a uma lenda popular sobre a filha do fazendeiro que sofria de bócio, uma condição que resultava em um "papo" no pescoço. Esta história é um dos exemplos da memória popular de São Sebastião, contribuindo para a identidade local e preservação histórica.

Além disso, segundo Mara Araújo, grande parte da gênese de São Sebastião está marcada pela migração de trabalhadores que vieram para a construção de Brasília. Estes trabalhadores, conhecidos como "candangos", se instalaram na região da Fazenda da Papuda, produzindo tijolos cerâmicos furados e manuais para a construção de Brasília. Apesar da informação sobre quantos eram e quais seus nomes terem se perdido no tempo, a reconstrução da memória pelos moradores por meio das nossas entrevistas neste artigo, os locais mencionam cerca de 7 olarias e 50 pipas no território de São Sebastião.

A transformação do vilarejo em uma cidade reconhecida oficialmente envolveu várias mobilizações comunitárias. Os moradores pioneiros, muitos dos quais chegaram nos anos 1950, desempenharam um papel crucial, unindo-se para enfrentar desafios como a falta de infraestrutura básica e a necessidade de reconhecimento legal de suas propriedades. Este espírito de mobilização comunitária foi essencial para a transição de São Sebastião de vila para a cidade de hoje, sendo um marco dessa luta a Lei 167 de 25/06/93, que instituiu São Sebastião como a XIV Região Administrativa.

Ademais, dentro do contexto da evolução urbana no Distrito Federal, a citação de Mara Araújo é particularmente relevante: “Dentro do contexto da evolução urbana no DF, cuja preocupação maior era preservar o Plano Piloto, São Sebastião teve ‘liberdade’ para continuar existindo à revelia das ações governamentais, mesmo após a desativação das Olarias” (Mara Araújo, 2014). Esta citação destaca um aspecto crucial do desenvolvimento urbano de São Sebastião e de outras Regiões Administrativas (RAs) do DF.

A preservação do Plano Piloto foi uma prioridade governamental desde a construção de Brasília. Originalmente, o Plano Piloto foi projetado para abrigar cerca

de 500 mil habitantes. No entanto, para manter a integridade desse planejamento, muitas RAs foram criadas, afastando as populações que efetivamente construíram a capital federal do centro da cidade. Em 2015/2016, a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio (PDAD) revelou que o Plano Piloto tinha apenas 210.067 habitantes, muito aquém do número projetado. Em contraste, outras RAs, como Ceilândia, registravam uma população muito maior, com 479.713 habitantes.

Esse descuido governamental permitiu que cidades como São Sebastião crescessem sem o devido planejamento e controle. A "liberdade" mencionada por Araújo refere-se à falta de intervenções governamentais que resultaram em um crescimento desordenado. A desativação das olarias em São Sebastião, por exemplo, não foi acompanhada de políticas públicas eficazes para reestruturar a economia local ou organizar o crescimento urbano.

A partir disso, começou o planejamento urbano e a regularização dos lotes que ainda estão irregulares. A ocupação de São Sebastião foi influenciada por várias políticas públicas e iniciativas de regularização fundiária. Contudo, nem todas as recomendações dos estudos e planos urbanos foram seguidas, resultando em desafios como desmatamento, violência urbana, crescimento desordenado e, principalmente, invasões. Até hoje, encontramos dificuldades por conta desse descuido com a organização urbana da cidade, como as ocupações informais do Morro Azul e Capão Comprido.

Essa liberdade, ou distração governamental, permitiu que São Sebastião evoluísse à margem do Plano Piloto. A cidade cresceu pela força da comunidade e pela necessidade de habitação para aqueles que não podiam se estabelecer no Plano Piloto devido às restrições impostas. Esse crescimento descontrolado trouxe inúmeros desafios urbanos, como falta de infraestrutura adequada, violência urbana e ocupações informais, como no Morro Azul e Capão Comprido.

A história de São Sebastião exemplifica a dualidade do desenvolvimento urbano no Distrito Federal, pois enquanto o Plano Piloto foi rigidamente controlado e preservado, as outras RAs, incluindo São Sebastião, tiveram que se desenvolver sem o mesmo nível de planejamento e suporte governamental. Isso resultou em cidades que,

embora ricas em história e cultura, enfrentam desafios significativos devido à falta de atenção e planejamento urbano adequado.

HISTÓRIA E CULTURA

Ademais, a história e a cultura foram além dos movimentos políticos para a melhoria da cidade. Esse espírito de luta perdura até hoje com diversos movimentos que levantam bandeiras de lutas, algumas delas como:

- Sebas Turística - Promove atividades turísticas e culturais na região, incentivando a valorização da história e dos atrativos locais. Esse grupo criou e mapeou os pontos mais importantes e marcantes para a cidade de diversas categorias, entre elas rotas históricas, culturais, ambientais, artísticas, sociais, lazer e hospedagem².
- Casa Lunar - Um espaço que oferece diversas atividades e eventos voltados para escuta atenta, partilhas, trocas, acolhimento, fortalecimento, empoderamento e formação para mulheres e todos os com aspectos LGBTQI+.³
- Movimento Supernova - Um coletivo que promove e organiza eventos sobre arte e cultura, fundado desde 2010. Sendo um dos principais eventos o FLIB - Feira Literária na Biblioteca do Bosque, que incentiva a leitura, especialmente na infância, através de diversas atrações que levam a magia do mundo dos livros para os jovens da periferia. Além do mais foi um dos precursores para o movimento “Memórias Oleiras” a qual terá uma parte apenas para ele, pois nosso projeto vai focar na memória das pessoas a partir das histórias oleiras.⁴
- Centro de Formação Nação Zumbi - Oferece capacitação para enfrentar problemas sociais, promovendo o desenvolvimento humano e uma cidadania mais consciente.⁵
- Instituto Cultural Congo Nya - ONG que desenvolve projetos e atividades nas áreas de educação, artes e esportes, valorizando a cultura afrodescendente.⁶

² Acessar página e saber mais sobre o grupo: <https://www.instagram.com/sebasturistica/>. acesso em 2024.

³ Acessar página e saber mais sobre o grupo: <https://www.instagram.com/casa.luardf/>. acesso em 2024.

⁴ Acessar página e saber mais sobre o grupo: <https://www.instagram.com/movimentosupernova/>. acesso em 2024.

⁵ Acessar página e saber mais sobre o grupo: <https://www.instagram.com/zumbinacao/>. acesso em 2024.

⁶ Acessar página e saber mais sobre o grupo: <https://icongonya.wixsite.com/congonya>. acesso em 2024.

Além desses coletivos temos muitos espaços que divulgam e semeiam cultura na cidade como:

- Praça do Reggae - Um espaço de encontro e celebração da música reggae, promovendo shows e eventos culturais que valorizam esse gênero musical.⁷
- Feira Permanente de São Sebastião - Fundada em 1997, possui 183 bancas e funciona de terça a domingo, oferecendo um espaço para produtores rurais e comerciantes exporem suas mercadorias.
- Parque de Exposições - Concentra a realização de grandes eventos, como shows nacionais e locais, além de possuir uma pista de vaquejada que atrai a comunidade rural e urbana.
- Sertão Sebastião - Evento que resgata a memória e identidade da população através de raízes culturais como catiras, cavalgadas, folia de reis, quadrilhas, brincadeiras de roda, cantigas, saberes populares e comidas típicas.
- Movimento do Samba - Evento semanal que homenageia grandes nomes do samba brasileiro na cidade de São Sebastião, através de grupos de cantores e músicos deste gênero.
- Batalha de Rima - Movimento cultural de jovens da periferia que acontece toda terça-feira, às 19h, na Praça do Skate, com foco no rap e hip-hop.
- Horta Girassol - A maior horta urbana do Distrito Federal, situada em São Sebastião, com projetos voltados para alunos com deficiências físicas e/ou intelectuais.⁸
- Parque Ecológico do Bosque - Criado em 1994, com 177.730 metros quadrados, promove eventos para ocupar espaços públicos e conscientizar sobre a preservação do meio ambiente.
- Ateliê Cultural Cactus - Espaço de trabalho e visitação que realiza consultorias em arte, exposições e atividades socioeducativas, coordenado pelo artista plástico Gersion de Castro Silva

A trajetória de São Sebastião reflete uma luta contínua pela preservação de sua memória e identidade cultural em meio ao crescimento desordenado e à falta de

⁷ Mais informações sobre atividades do local em: <https://www.instagram.com/reggaenapraca/>, acesso em 2024.

⁸ Mais informações sobre atividades do local em: <https://hortagirassol.blogspot.com/>. acesso em 2024.

planejamento governamental. A história desta cidade é marcada pela força e resiliência de seus moradores, que, ao longo dos anos, se mobilizaram para enfrentar desafios e construir uma comunidade coesa e vibrante. Assim, ao revisitar e valorizar a memória popular de São Sebastião, destacamos a importância de cada movimento, coletivo e espaço cultural na construção de uma identidade coletiva que resiste e prospera. Esta abordagem não apenas preserva a história, mas também promove um futuro mais inclusivo e culturalmente rico para todos os habitantes de São Sebastião.

MEMÓRIAS OLEIRAS - GRUPO SOCIAL

O projeto “Memórias Oleiras” foi encontrado enquanto pesquisamos sobre o local de São Sebastião. E nesse projeto ou grupo, fizemos uma entrevista com o principal criador dele, o senhor Edvair Ribeiro, e junto disso também há um site que iremos descrever um pouco sobre a instituição em si e o que eles querem com o projeto. Sendo assim, um dos maiores objetivos do grupo “Memórias Oleiras” é o resgate, valorização e registro da história cultural de São Sebastião por meio de um processo de identificação sobre a vida e cotidiano dos trabalhadores oleiros.

Dentro deste "Museu Virtual" como o chamam, o projeto também reúne o resultado de extensas pesquisas, assim como entrevistas com membros da comunidade, acervos da cidade, entrevistas produzidas pelos idealizadores que contam as histórias de vida, assim como fotografias e outros documentos. Todo esse material e esforço contribui para compor o universo do patrimônio material e imaterial, assim como reconhecer a identidade cultural e a memória da comunidade que ajuda a resgatar a história cultural da cidade desde o seu princípio.

Ademais, no site consta uma pequena história e curiosidades sobre São Sebastião, pois, além de reconhecida regionalmente por ter fornecido grande parte dos tijolos utilizados na construção de Brasília e essa ser seu ponto de origem, no site do grupo, a origem da cidade está inserida a cerca de 10.000 anos atrás. Sendo a sua primeira ocupação por grupos de caçadores entre 10.000 e 7.000 anos atrás, seguida por grupos Kayapó e Tupi-Guarani há cerca de 4.000 anos.

Sendo em 1956, com o início da construção de Brasília, que São Sebastião inicia sua jornada exercendo um papel crucial: fornecer tijolos por meio de suas olarias. Após

a construção, a área experimentou diferentes tipos de ocupação, culminando na criação da Região Administrativa de São Sebastião em 1993. Ademais, as terras que compõem a Região Administrativa XIV são pertencentes às fazendas Taboquinha, Papuda e Cachoeirinha, que foram parcialmente desapropriadas com a construção de Brasília, atraindo comerciantes de areia, cerâmica e olaria.

Com a desativação das olarias, o núcleo urbano de São Sebastião se estruturou ao longo do Córrego Mata Grande e Ribeirão Santo Antônio da Papuda, devido ao parcelamento do solo dessas olarias. Com isso a intensificação da imigração provocou várias invasões de áreas públicas, posteriormente removidas para a localidade, moldando a atual configuração urbana da cidade.

Durante as entrevistas realizadas pelo projeto, uma figura de destaque foi Edvair Ribeiro, considerado o Griô de São Sebastião. Ribeiro, um dos criadores iniciais e líder em várias frentes de recuperação das memórias locais, trouxe à tona a profundidade e a importância da preservação da memória histórica. Através de sua fala, ficou evidente como a preservação da memória influenciou profundamente sua vida e como as vivências desse povo merecem ser reconhecidas e contadas. Para ele, a importância de São Sebastião vai além de sua contribuição para a construção de Brasília, mas sim reside na rica comunidade e cultura que emergiram de uma simples indústria de tijolos e cerâmica.

Ademais, uma fala de Edvair advém bastante com a ideia inicial para esse artigo, segundo ele um de seus objetivos é, que a partir desse esforço de São Sebastião, outras RA's, principalmente as periféricas, tratem de suas memórias, as reconheça e as conserve, buscando seu espaço de direito na história da construção de Brasília. Sendo assim, o projeto "Memórias Oleiras" é, portanto, uma iniciativa essencial para preservar a rica história cultural de São Sebastião, e mais ainda um incentivo e ponta a pé inicial para outras histórias também se manifestem e mostrem a sua importância, assegurando assim que as gerações futuras compreendam e valorizem as contribuições de seus antecessores para a construção e desenvolvimento da cidade em que vivem.

A VIDA OLEIRA: LEMBRANÇAS E DESAFIOS

Neste capítulo, investigaremos como era a vida nas olarias de São Sebastião, tema amplamente discutido nas entrevistas com os oleiros que participaram da pesquisa. Através de perguntas específicas, buscamos entender melhor como era aquela época para eles, o que mais sentem falta e quais lembranças trazem para o presente. Sendo assim, citaremos histórias encontradas sobre essa cidade e sua construção de como é hoje através das entrevistas coletadas, para assim fazermos uma análise e um paralelo das histórias com o que elas refletem no espaço urbano.

E para apresentar as várias figuras importantes que contribuíram significativamente para a história de São Sebastião, entre os entrevistados, destacam-se Carmen de Souza Nunes Vidal, de 77 anos, Ana Siqueira Coutinho, de 77 anos, Edvair Ribeiro dos Santos, com 62 anos, Sebastião Cláudio Nunes, de 77 anos, Jonata Pereira Couto, de 35 anos, Alaor Augusto, de 72 anos. Cada um desses entrevistados forneceu informações valiosas e memórias que ajudaram a compor o rico mosaico da história de São Sebastião.⁹

A grande maioria dos entrevistados afirmou que a vivência naqueles tempos não era fácil. A percepção da vida na olaria foi marcada por vários por muito cansaço e sofrimento, o trabalho começava às 3h da manhã com a primeira queima do barro até mais tardar com o carregamento dos caminhões para o plano piloto, sendo assim, a jornada era longa e extenuante, exigindo força física e resistência. Além disso, grande parte das olarias não eram maquinadas por conta da falta de energia do local na época, sendo assim, todo o trabalho era manual e de tijolos maciços, sendo as maiores fábricas: a cerâmica arte, benção, Estil, Nacional, Falu, Pioneira, São Judas, e mais de 80 pipas de tijolos maciços, o senhor Alaor nos contou um pouco como era esse processo da fabricação desses tijolos:

Não era na cerâmica, tinha uma parte prensado, mas a maioria era manual mesmo. A gente colocava o cavalo que chamava pipa, um ferro assim, cheio de faca em volta assim, aí o cavalo rodava aí eu munha o barro

⁹ Todas as entrevistas foram realizadas conforme descrito e aprovado no comitê de ética no site Plataforma Brasil. O Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) é: 78435324.0.0000.0023. Número do parecer:6.782.783.

em cima manual e o barro saia embaixo na boquilha. Muitos utilizavam uma manilha de cimento, furava ela, e conforme o cavalo ia girando rodava o barro saia embaixo, pegava ele e levava lá no forno pra fazer o tijolo maciço. Ele tijolinho tinha ele prensado, mas a gente fazia mais eras manual mesmo, porque não tinha energia da época.(....) A gente levanta 2h da manhã pra fazer esse serviço, que aí quando estava amanhecendo o dia a gente fazia, que se fizesse com o sol quente ele rachava, por conta do barro do tijolo. Aí ele secava lá, e depois a gente levava pro fogo pra queimar e depois transportar. Tudo para construir Brasília né. (Alaor - 2024).

Além do mais, um assunto muito abordado como uma dificuldade era a logística para o abastecimento, tanto de produtos essenciais quanto de itens de lazer, como roupas e afins. As viagens ao Núcleo Bandeirante eram frequentes, pois São Sebastião na época contava apenas com olarias e não havia comércio local, muito por conta da falta de encanamento e eletricidade. Muitas mulheres relataram a falta de transporte para qualquer outro lugar para além de São Sebastião, tinha-se uma certa dependência de caronas, seja de quem tinha um transporte, o carro do leite, os caminhões de tijolos, ou caminhões pau de arara para se locomoverem. Ademais, houve um período em que o uso dos caminhões de tijolo para o transporte de pessoas foi proibido, obrigando muitos a se deslocarem a pé ou de bicicleta até o Núcleo Bandeirante.



Figura 3 -Foto de um dos caminhões de tijolo. 1969.

Ainda se tratando de transporte e como isso afetava a questão do abastecimento da cidade, também foi citada a questão relacionada aos atendimentos médicos. As duas mulheres entrevistadas, dona Ana e Carmem, relataram a dificuldade também que era levar os filhos ou até elas próprias para receber tal atendimento. Sendo essas narrativas completadas com a fala do senhor Edvair, que relatou que a maioria dos partos era feitos a domicílio, tendo uma moça em específico realizado vários a dona Maria Fuiça, que realizou cerca de 30 partos naquela época para as pioneiras que aqui vieram. Em uma entrevista realizada pelo grupo Memórias Oleira, a dona Maria explicou que aprendeu o ofício desde pequena com uma moça da família. Por causa dessa habilidade, era frequentemente chamada para ajudar nos partos quando uma grávida entrava em trabalho de parto. No entanto, com o surgimento de mais hospitais na região, como o Hospital de Base, sua prática começou a diminuir gradualmente.

Em seguida, um desafio também para os oleiros era as condições de saneamento básico, pois o que nos foi relatado era que tudo dependia dos córregos. Enquanto os homens e mulheres produziam os tijolos, outros membros da família, principalmente esposas e filhos, lavavam as roupas, buscavam baldes de água para tomar banho e lavar a louça. Apesar de a maioria das casas terem cisternas, quando acabava ou tinha pouca água tinha-se que buscar nos córregos. Um dos entrevistados, Jonatan, filho de oleiro, apesar das dificuldades compartilhou uma lembrança feliz de sua infância dessa perspectiva, pois enquanto seu pai trabalhava, ele passava o tempo com outras crianças brincando e pulando nos córregos que ficavam próximos a olaria.

Apesar das dificuldades que ele compreende melhor agora, essa memória de ver seu pai acordar cedo e acompanhá-lo às olarias é marcante e carregada de nostalgia. Entretanto, é intrigante, pois apesar de ser uma situação difícil, infelizmente nem as memórias felizes puderam se repetir, pois com o crescimento descontrolado da cidade por falta de cuidado com a natureza nativa secaram esses córregos que não existem mais. Segundo um estudo feito em 2008 pelo doutor Fábio Bakker, Gestor ambiental, relata que o crescimento urbano desordenado é o principal dos causadores da inviabilidade de uso e escassez dos córregos do DF, fomentando ainda mais a fala de

Jonatan assim como também outros moradores que sentiram e sentem a falta desse pedaço da cidade.

A memória dos antigos oleiros de São Sebastião é marcada por relatos nostálgicos que revelam as dificuldades e a solidariedade vividas na época das olarias. Além dos rios, onde muitos passavam horas lavando roupas e se banhando, outro local que frequentemente volta às lembranças dos oleiros é o campo central. Este espaço servia como ponto de encontro, onde se reuniam para jogar futebol, conversar e fortalecer os laços comunitários. Esses momentos de convivência no campo central são lembrados com carinho, representando um refúgio das árduas jornadas de trabalho e um símbolo da comunidade unida que se formou em torno da atividade oleira.



Figura 4 -Foto do time de São Sebastião no campo central. 1967.

Ademais, apesar da construção desse cotidiano e relatos que revelam uma realidade dura dos oleiros e suas famílias. Surgiram histórias muito importantes que foram levantadas, como a história de Seu Edvair Ribeiro, precursor do projeto Memórias Oleiras, o esposo da Dona Cida, como um dos primeiros líderes comunitários de São Sebastião, e também apesar de um pouco mais conhecida a história da Fazenda da Papuda, que inicialmente pode parecer uma propriedade qualquer como muitos dizem, mas possui uma memória significativa para a comunidade.

- Seu Edvair - Griô de São Sebastião

Edvair Ribeiro, considerado o "Griô de São Sebastião" e precursor do projeto Memórias Oleiras, destacou em sua entrevista a profundidade e a importância de preservar a memória. Sua vida é um testemunho de como a vivência desse povo merece ser reconhecida e contada, não apenas por sua contribuição para a construção de Brasília, mas pela rica comunidade e cultura que emergiram da indústria de tijolos e cerâmica.

Durante a entrevista, Edvair compartilhou uma breve história sobre sua vida na cidade. Seu Edvair chegou a São Sebastião em 1967, com apenas seis anos de idade, junto com sua família para trabalhar nas olarias. Com isso, passou três anos em São Sebastião e, em 1970, mudou-se para um dos acampamentos chamado Morro do Querosene. Lá, ele viveu por seis meses até o acampamento ser erradicado para Ceilândia devido à Campanha de Erradicação de Invasões, que posteriormente deu-se nome à cidade. Após três anos, ele voltou para São Sebastião e nunca mais saiu, totalizando quase 56 anos de residência na cidade.

Com 10 anos, Edvair aprendeu a ler e nunca parou de ler desde então. Curiosamente, ele ficou 29 anos sem estudar formalmente e retornou aos estudos quando seus filhos começaram a perguntar sobre matérias escolares que ele não sabia responder. Ele se matriculou novamente para terminar os estudos, e na primeira aula, a professora mencionou que São Sebastião era uma agrovila, e com isso, informou sobre essa desinformação, sendo a partir disso Edvair despertou o desejo de explicar melhor a história da cidade, levando-o a refletir sobre como as pessoas viam o local e a vontade de registrar e mostrar a verdadeira história.

Assim surgiu a ideia do projeto Memórias Oleiras, inicialmente concebido como um livro em 2002, e o projeto foi se desenvolvendo até se tornar o que é hoje. Edvair contou que catalogou 300 pessoas para entrevistas, sendo metade delas colocadas como prioridade a participar devido à idade avançada. Dessa metade, Edvair conta que por volta de 80 faleceram desde o início do projeto, algumas registradas e outras não. É interessante notar que essas pessoas conheciam Edvair e tinham um vínculo com ele, evidenciando a conexão e o respeito que ele tinha na comunidade.

Através das entrevistas realizadas, a presença de Edvair foi fundamental para encontrar os entrevistados para a pesquisa. Sua história de vida e dedicação ao projeto Memórias Oleiras não apenas preservam a memória da comunidade oleira, mas também inspiram futuras gerações a valorizar e reconhecer a importância cultural e histórica de suas próprias cidades. A trajetória de Edvair Ribeiro é um exemplo claro de como a memória coletiva pode ser preservada e celebrada, mantendo viva a identidade cultural de uma cidade.

- João Vidal - Ações Comunitárias

E para complementar um pouco mais de toda essa história significativa, temos o esposo da Dona Cida, que foi um dos primeiros líderes comunitários de São Sebastião. Durante a entrevista a história dele foi surgindo a partir do compartilhamento de fotos que foram resgatadas. O senhor João Vidal Sobrinho, foi responsável por diversas benfeitorias para a cidade, dando um ponta pé inicial para melhorar a dignidade daquelas pessoas.



Figura 5 - Foto da inauguração da primeira bica de água encanada de São Sebastião. 1989.

Uma destas ações foi trazer para a primeira água encanada da cidade, enquanto mostrava a foto, dona Cida dizia o quanto foi bom aquele dia, como as pessoas estavam felizes e brincava igual, e junto das crianças, com o pequeno jato d'água que tinha. Outra ação que João Vidal conseguiu para a cidade foi a circulação da primeira linha de ônibus, que circulava em São Sebastião com destino ao núcleo Bandeirante. Muitas dessas ações advinha da amizade que João Vidal tinha com o então governador da época Roriz, amigos de longas datas, sendo assim, muito do que ele pedia e corria atrás o governador também ajudava e apoiava, transformando várias dessas ações em melhorias fundamentais que transformaram a vida dos moradores e marcaram um novo capítulo no desenvolvimento da comunidade.



Figura 6 - Foto da campanha do Roriz, acompanhado de João. 1987.

- Fazenda da Papuda

A história da Fazenda da Papuda é um capítulo crucial na narrativa de São Sebastião, com raízes profundas na história do Brasil. Originalmente propriedade da

família Meireles de Luziânia desde o século XIX, a fazenda ocupava um lugar de destaque na região, tanto por sua importância econômica quanto cultural. A Fazenda da Papuda, juntamente com a região da Taboquinha, foi visitada pela Missão Cruls, o que é mencionado em seus relatórios históricos.

Em 1957, a área da Fazenda da Papuda foi desapropriada devido à sua rica concentração de barro, essencial para a fabricação dos tijolos destinados à construção da nova capital, Brasília. Esse evento marcou o início da história de São Sebastião, transformando a fazenda em um ponto central para a produção de materiais de construção.

A Fazenda da Papuda não apenas forneceu o solo para as olarias, mas também se tornou um símbolo de memória e identidade para os moradores locais. A casa principal da fazenda, um exemplar de arquitetura colonial escravista, era uma construção imponente com 18 cômodos, um cruzeiro, e uma roda de açoimento de escravos. Esses elementos, que permaneceram intactos por muito tempo, representavam uma era passada e contavam histórias da vida e das práticas da época.



Figura 7 - Foto da fazenda da Papuda. Fonte Memórias Oleiras, 2024.

Infelizmente, quando o lote da casa foi comprado, a construção foi demolida, juntamente com muitos outros elementos históricos. Essa demolição representou uma perda significativa, não apenas para a história local, mas também para a história nacional. Os símbolos e vestígios da época colonial e escravista foram apagados, deixando apenas as memórias dos pioneiros como testemunhas dessa rica história.

A destruição da Fazenda da Papuda é um exemplo claro de como a falta de gestão e valorização do patrimônio histórico pode resultar em perdas irreparáveis. O local, que uma vez serviu de referência para os pioneiros de São Sebastião e para os historiadores brasileiros, agora vive apenas nas lembranças dos que conheceram sua importância. A demolição da casa principal, com seus 18 cômodos e elementos históricos, apagou uma parte vital da narrativa de São Sebastião e do Brasil, sublinhando a necessidade urgente de preservar e proteger nosso patrimônio cultural para as futuras gerações.

Assim, a Fazenda da Papuda permanece como uma lembrança dolorosa da negligência com que tratamos nossa história, uma memória que os pioneiros de São Sebastião carregam consigo. Sua história é um testemunho da importância de preservar nossos marcos históricos, não apenas como símbolos do passado, mas como fundamentos para a nossa identidade cultural e histórica.

- Destruição da olaria

Ademais, é importante informar um acontecimento que foi de conhecimento da equipe pesquisadora e que após a entrevista formal do seu Alaor, a conversa fluiu e revelou mais detalhes sobre um local que muitos consideravam um patrimônio das cerâmicas e olarias em São Sebastião. Esse local era um galpão que produzia cerâmicas e possuía um forno contínuo, único na cidade, que se destacava pela sua funcionalidade singular: contornava em duas partes e o fogo vinha por cima. Este forno não era apenas uma estrutura funcional, mas também um símbolo da tradição oleira da região.

Infelizmente, esse patrimônio não resistiu ao avanço da urbanização. O Governo do Distrito Federal decidiu demolir o galpão para dar lugar à construção de um novo bairro de luxo, o Alto Mangueiral. Essa decisão foi recebida com tristeza e revolta pela

comunidade, que viu na demolição não apenas a perda de uma estrutura física, mas também a destruição de uma parte significativa de sua história e identidade cultural.

Por fim, esse episódio sublinha a necessidade urgente de encontrar um equilíbrio entre desenvolvimento e preservação, não só para São Sebastião mas no meio urbano como um todo. A história e a cultura de uma comunidade são elementos cruciais para sua identidade e coesão social. Destruir algo que seja público sem considerar seu valor é um ato de violência contra a memória coletiva de uma população, sendo esse um tema também de extrema importância para se formar uma discussão mais formal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão ao que foi dito no artigo, não resta dúvidas que a cidade de São Sebastião-DF se apresenta como um palco vibrante de memória e de identidade cultural, carregando em suas ruas e em sua comunidade as marcas de um passado que não deve ser esquecido. Este artigo procurou desvendar as camadas históricas e sociais que compõem essa cidade, e transparece-las para o registro de sua significativa tradição oleira, que desempenhou um papel crucial na construção de Brasília.

Os relatos dos antigos oleiros revelam uma São Sebastião que vivia para a produção de tijolos, fornecendo os materiais essenciais para a capital nascente. Esses trabalhadores não apenas moldaram o barro em sua forma literal, mas também construíram uma identidade e senso de coletividade em torno das olarias. A destruição do galpão de cerâmica, mencionada nas entrevistas e afirmadas nas reportagens, simboliza um momento de perda, mas também reforça a importância da memória coletiva e do reconhecimento do patrimônio cultural local perante aos moradores.

Ademais, a análise histórica mostra como a construção de Brasília foi um processo de rápida urbanização que trouxe consigo desafios de planejamento e desenvolvimento não só para a capital mas principalmente para o seu entorno que ficou a mercê de uma urgência focada no plano principal da cidade. Sendo assim,

vemos essa falta de gestão refletida tanto em São Sebastião, como em outras regiões administrativas com invasões, falta de regulamentação dos terrenos, infraestrutura urbana e saneamento básico ainda precário.

Desse modo, ainda se faz importante salientar sobre a ligação dos estudos das políticas de memória no Brasil, para a preservação do patrimônio cultural, destacando a importância de valorizar e proteger as histórias locais, que neste caso ainda se encontra nas pessoas. Sendo assim, é um fato constatar que a memória deve ser tratada com respeito, integridade e dignidade humana, para assim poder servir como uma ferramenta para o desenvolvimento socioeconômico e a coesão social de uma cidade.

Ademais, é importante salientar que nossa pesquisa foi focada no porquê desse esquecimento e ressaltar a memória que foi apagada. Fazendo-se importante estudar mais a fundo questões mais técnicas e geográficas, o urbanismo em si, para interligar a história contada, com os aspectos mais urbanos de análise, isso seria de suma importância para enriquecer mais ainda a narrativa dessas pessoas.

Portanto, a história de São Sebastião não é apenas uma narrativa de um passado, mas sim um recurso vital para o futuro, a cidade não só honra aqueles que vieram antes, mas também estabelece uma base sólida para as gerações futuras. O reconhecimento e a valorização de sua identidade cultural são essenciais para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e integrada, onde o passado serve como um guia e inspiração para o futuro.

Em conclusão, este artigo reitera a necessidade de um compromisso contínuo com a memória e a identidade cultural. Neste caso, para São Sebastião, com suas histórias de luta e resiliência, entretanto temos outras muitas histórias e memórias que ainda não foram resgatadas como dito também neste artigo, todas essas comunidades e cidades que oferece uma lição valiosa sobre a importância de preservar nossas raízes enquanto avançamos para um futuro mais inclusivo e consciente, pois como já disse Edmund Burke, “Um povo que não conhece sua História está fadado a repeti-la.”

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição Federal de 1988. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2023
- GEHL, Jan. Cidades Para Pessoas. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DA SILVA, Eder Donizeti; NOGUEIRA, Adriana Dantas. Esqueceram as Cidades esquecidas?/Forgotten Cities?. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 4, p. 38556-38567, 2021.
- TEDESCO, Juan Carlos. Os fenômenos de segregação e exclusão social na sociedade do conhecimento. *Cadernos de Pesquisa*, p. 13-28, 2002.
- BRAGA, Aline Moraes Costa. (Im)possíveis Brasília. São Paulo: Alameda, 2002.
- LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. 5ª Ed. São Paulo: Centauro, 2008.
- LOBATO CORRÊA, Roberto. O espaço urbano. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2004.
- BRAVO, Maicon Dourado; LABORDE, André Luiz Portanova. < b> Os lugares de memória na cidade esquecida< b. *Revista Didática Sistêmica*, v. 9, p. 129-141, 2009.
- CELESTINO, Lúvia Fraga. Planejamento urbano em “cidades históricas”: um desafio necessário. *Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia-ISSN 2358-5293*, n. I, 2014.
- DA GUIA, George Alex; CIDADE, Lúcia Cony Faria. Políticas Territoriais, segregação e reprodução das desigualdades socioespaciais no Aglomerado Urbano de Brasília. 2006.
- NEGRI, Silvio Moisés. Segregação sócio-espacial: alguns conceitos e análises. *Coletâneas do nosso tempo*, v. 8, n. 08, 2010.
- PERPÉTUO, Thiago Pereira. Uma cidade construída em seu processo de patrimonialização: modos de narrar, ler e preservar Brasília. *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 273, 2015.
- GOMES DE OLIVEIRA, Ederson. Patrimônio Histórico e Cultural de Planaltina (DF): memória e identidade social. 2013.
- RAUJO, Mara de Fátima dos Santos. São Sebastião-DF: do sonho à cidade real. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 4. ed. 2017.
- COSTA, Graciete Guerra da. As regiões administrativas do Distrito Federal de 1960 a 2011. 2011. 513, 165 f. Tese(Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- CEBALLOS, Viviane Gomes de. Memórias, Tramas e Espaços: A História de Brasília Construída pela Fala dos Moradores de Sobradinho-DF. 2014.

OLIVEIRA, Almir Felix Batista de. O IPHAN e o seu papel na construção/ampliação do conceito de patrimônio histórico/cultural no Brasil. 2008.

MEMÓRIA EM REDE. Patrimônio Imaterial e Identidade: reflexões sobre democracia e cidadania. *Memória em Rede*, Pelotas, v. 16, n. 30, jan./jun. 2024. ISSN 2177-4129.

PADILHA, Marcela do Nascimento; LAVANDEIRA, Viviane de Oliveira; PIERI, Vitor Stuart Gabriel de. Turismo e Educação: Diálogos e ações pela cidadania. *Memória em Rede*, Pelotas, v. 16, n. 30, p. [inserir páginas], jan./jun. 2024. ISSN 2177-4129.

MAGALHÃES, Fábio. Cidade de várias culturas, São Sebastião ainda abriga seus pioneiros. [S. l.], 2013. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2013/11/14/cidade-de-varias-culturas-sao-sebastiao-ainda-abriga-seus-pioneiros/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

RODRIGUES, Gizella. Nascidas com Brasília: as ocupações pioneiras. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/10/24/nascidas-com-brasilia-as-ocupacoes-pioneiras/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

PATRIMÔNIO Material - DF. [S. l.], 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/892>. Acesso em: 5 abr. 2023.

LING, Anthony. Brasília: uma cidade que não faríamos de novo. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://caosplanejado.com/brasilia-uma-cidade-que-nao-fariamos-de-novo/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

CAPILLÉ, Cauê. Arquitetura como dispositivo político. *Revista Prumo*, [S.l.], v. 2, n. 3, July 2017. ISSN 2446-7340. Disponível em: <https://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/325>. Acesso em: 30 jul. 2024.

APÊNDICES A - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS



Figura 8 - Foto da Dona Ana. Fonte autor.

- Ana Siqueira Coutinho

(Clara) Ai, aqui já está gravando, eu vou, querer que você se apresente, seu nome, idade, quanto tempo está aqui?

(Ana) Eu sou Ana Siqueira Coutinho, tenho 77 anos.

(Clara) E aí, há quanto tempo você mora aqui em São Sebastião? Como você veio parar aqui

(Ana) Eu nasci aqui, aí, fui embora com 8 meses de idade e voltei com 14 anos, em 61. Aí fiquei, casei, criei meus filhos, tudo aqui,

(Clara) Entendi

(Ana) E continuei aqui, mas quando eu cheguei aqui, não tinha mais cidade né. Só tinha as fazenda, né? Cerâmica.

(Clara) E como que você lembra assim daquela época? Como eram as pessoas, funcionava assim a cidade mais ou menos?

(Ana) Só era cerâmica a fazenda, né? Eu cheguei pra trabalhar aqui em 61 para trabalhar, né?

(Clara) Uhum.

(Ana) Continuei trabalhando na fazenda e casei.

(Clara) Você trabalhou aqui, ou trabalhou..

(Ana) Trabalhei na fazenda, na fazenda, né? Depois eu casei, depois eles venderam na fazenda, e mudei para essa casa aqui.

(Clara) E você conhece alguém que trabalhou nas olarias?

(Ana) Conheço bastante. Conheço o Tião da Areia, o Edvair, o Luiz preto, o pessoal da Nacional, mas também morreu quase todo mundo já.

(Clara) O que mais te atraiu a morar aqui em São Sebastião?

(Ana) Eu vim a trabalho, depois casei, mas depois eles venderam a fazenda mas ganhamos esse lote aqui, e como tínhamos muito tempo de casa, ele tinha muitos anos, ele começou a morar na fazenda ele tinha 8 anos de idade.

(Clara) A fazenda que você fala era a fazenda da Papuda?

(Ana) É papuda. E aqui todo mundo conhecia como Papuda, depois que deram o nome de São Sebastião.

(Clara) Entendi, se você tivesse uma história assim para contar, sobre isso São Sebastião?

(Ana) Não, não acho algo assim interessante. Tem mais coisas assim que é campo de futebol. E o pessoal jogava futebol, meu marido jogava bola, ele fazia muitas coisas, tirava foto.

(Clara) Entendi. E uma dúvida, você sabe aonde que era mais ou menos esse campo?

(Ana) Era mais ali no campo do central lá, mas aqui também tinha um campo aqui na fazenda que eles jogavam bola.

(Clara) Você consegue me mostrar aqui no mapa?

(Ana) Aqui. O pessoal gostava de se encontrar lá. Na igreja também.

(Clara) E assim, é claro que estou pegando de surpresa, mas você tem alguma foto daquela época?

(Ana) Tem muita foto antiga, vou lá buscar. Esse é um campo de futebol que tinha aqui na frente. Esses daqui é meus filhos jogando bola. Essa foto foi tirada na casa antiga da fazenda, era a 120 metros daqui.

(Clara) A fazenda então tá aqui desde quando? 1800?

(Ana) Isso tá aqui a mais ou menos desde 1820.

(Clara) Faz tempo né.

(Ana) Quando eu cheguei aqui tinha um velhinho que morava aqui, ainda tinha muitas coisas dos escravos, tinha um sino, bem grande. A casa tinha 18 cômodos, tudo de assoalho, a roda d'água, a roda que batia nos escravos, tinha um cruzeiro.

(Clara) Esse cruzeiro era o mesmo do morro da cruz?

(Ana) Não, era outro que ficava aqui nos fundos, mas um cara comprou e derrubou tudo para construir os depósitos dele.

(Clara) Um negócio que eu acho importante ter, né? Guardar essas coisas é importante ter, né? Guardar essas coisas ,uma memória ruim, mas enfim. Acho que a última pergunta, qual a sua em relação a hoje em dia, assim como qual é a sua relação com a cidade, os espaços?

(Ana) Agora melhorou bastante, né? Porque antigamente, quando eu criei meus filhos, era muito difícil, porque não tinha ônibus, adoecia e tinha que ir lá para o piloto, para o hospital de base, né L2?Aí aqui é era uma dificuldade ir de carona para levar os pro hospital para ganhar neném. Inclusive a minha caçula foi nascida em casa, porque não deu tempo de arrumar carri para levar ela para o hospital, né? Aí depois melhorou porque aumentou os ônibus, têm, já os posto de saúde tem UPA, melhorou bastante. Aqui eu faço meu tratamento, é aqui mesmo.

(Clara) Ah, que bom que dá para fazer por aqui né?

(Ana) Diabetes, sou diabética e agora resolvo daqui de São Sebastião. Tem algum lugar que você mais frequenta depois da pandemia? Você acredita que eu não saio mais de casa? Só saio assim para ir para um posto, saúde, mercado, só.

(Clara) E antigamente você gostava de frequentar mais?

(Ana) A gente ia para alguma festinha, né? Levar as crianças pro campo.

(Clara) Agora, uma pergunta mais filosófica assim, mas como você gostaria que São Sebastião fosse lembrada?

(Ana) Agora é muito bom, mas eu queria que tivesse mais assim, que tivesse mais uma melhoria assim, no hospital, uma coisa melhor pra São Sebastião, mas morar aqui tá bom.

(Clara) É, eu acho que essa é a última. O que que você mais sente falta daquela época para essa época?

(Ana) A paz, o sossego, e a saúde né, a gente vai ficando mais velho e fica mais debilitado.



Figura 9 - Foto do Edvair Ribeiro. Fonte autor.

- Edvair Ribeiro

(Clara) Seu nome, sua idade, sua profissão atualmente?

(Edvair) Atualmente é, meu nome é Edvair Ribeiro dos Santos, tenho 62 anos, à véspera de fazer 63, sou motorista, fotógrafo, sou tudo que não der dinheiro na cadeia, né? Comunicador, eu estou junto, né? Atualmente estou desempregado, mas eu to de freelancer aí.

(Clara) E aí as primeiras perguntas, né? Há quanto tempo você mora aqui na região? Qual é a sua história?

(Edvair) É, eu vim para cá em no ano de 1967, final de 66, início de 67, eu nasci em Boa Esperança em Formosa, Goiás. Daqui a 76 quilômetros de distância. E aí, eu sou o filho mais velho de uma família de 11. Em 1967, meu pai tomou a decisão de mudar para o planalto central.

(Clara) Uhum

(Edvair) Aqui já estava minha avó, meu avô torto, dois tios meus. E aí, como a gravidez da minha mãe é muito complicada, né? Eu nasci em parto caseiro, eu e mais 6

irmãos nascemos em parte caseiro também. Ai era muito complicado meu pai veio para aqui e encontrou a minha avó e nos trouxe para cá. Nós saímos da região chamada pedras, na BR 30 ali, perto do povoado Bezerra. Saímos eu, meu pai, dois cavalos e minha mãe grávida do meu quarto irmão, mais meus outro irmãos no outro cavalo. Nós rodamos de mais ou menos das 9 da manhã até meia-noite e dormimos debaixo de uma árvore, e no outro dia de manhã pegamos carona no caminhão leiteiro, fomos parar em Formosa. Em Formosa minha mãe ficou uns 4 dias descansando, repondo a energia por lá da gravidez, que era complicada. Aí pegamos o ônibus da da da Aragarina, se não me engano, em 67, tivemos na Rodoviária, da Rodoviária pegamos outro ônibus para onde é o seminário hoje, que era a antiga entrada para entrar na papuda na época era. Chegando lá pegamos carona com um japonês dono de umas terras aqui, e chegamos aqui no morro azul em 1967.

(Clara) Nossa.

(Edvair) Então eu tinha 5 anos de idade, 6 anos de idade. Aí de lá para cá, meu pai trabalhou, morou aqui durante 3 anos e pouco, meu pai trabalhou em várias olarias, e meu pai era nômade. Nesse período de 3 anos, nós ficamos aqui, nós moramos em 8 lugares diferentes em 3 anos.

(Clara) Eita (risos).

(Edvair) Você tem uma ideia, meu pai, minha mãe veio grávida, aí de lá, do Goiás para cá, meu irmão nasceu lá perto da Vila do boa em 67 mesmo. Depois nós chegamos a morar no Morro, moramos acima da nacional e depois mudamos para frente da vila do boa onde meu irmão nasceu. Aí depois lá nós voltamos para um rancho acima da nacional, depois voltamos lá para onde é o Itaipu hoje, nisso minha mãe tinha engravidado da minha irmã que era o sexto filho. Daí nós voltamos para o morro, e depois voltamos para o Itaipu, lá minha irmã nasceu e de lá voltamos para o morro e de lá fomos para o morro do querosene. Em 3 anos, moramos em 8 lugares diferentes, meu pai era nômade, meu pai mudava sabe por prazer.

(Clara) Meu pai, quanta coisa.

(Edvair) Aí em 67, na verdade em 70, eu fui matriculado na escola da criança, fiquei um pouco mais de 4 meses, e depois saí porque daí ele mudou para o núcleo Bandeirante, lá no lugar chamado morro de querosene, que fica atrás da metropolitana, na divisa a metropolitana, na margem direita, sentido norte sul.

(Clara) Não existe mais lá né?

(Edvair) Não, lá não tem mais não. E aí lá eu estudei até 1970, fiquei 6 meses. Depois em 71 fomos removidos de lá pra Ceilândia, no processo chamado CEI, né? Censo de erradicação de invasões.

(Clara) Sim, levaram muita gente para lá.

(Edvair) Sim, API, Tenório, Morro do Querosene, Placa da Mercedes, Vila Esperança. Todas as invasões daqui foram levadas para lá.

(Clara) Entendi

(Edvair) Ai de lá, meu pai, nesses de 70 a 73 eu passei 3 anos letivo excelentes, mas só os 3 anos. Aí em 74 voltei a morar com os meus tios aqui e praticamente não fui mais embora. Dei poucas saídas mas voltei rapidamente. Eu moro aqui há praticamente 56 e 57 anos.

(Clara) Entendi.

(Edvair) Sou apaixonado por isso aqui, né? Eu vi isso aqui crescer. Eu tenho uma noção muito boa da história desse lugar, que até então era a fazenda Papuda. A fazenda da Papuda, que está na família dos Meireles, desde o início do século 19. Em 1821, mais ou menos já era de propriedade de Manuel da Costa Meirelles e depois passou pro filho Josué da Costa Meirelles, depois para Florentino da Costa de Jesus Meirelles e depois para Américo de Jesus Meirelles. Isso até o ano de 1955, quando foi desapropriada para a construção de Brasília.

(Clara) Sim

(Edvair) E nesse contexto também da construção de Brasília tem uma, é... É de suma importância frisar isso, sabe? A importância de São Sebastião e da região da Papuda para a construção de Brasília. Nós estamos chegando agora nesse mês agora,

vamos fazer 31 anos de RA, que foi criada oficialmente, e nesse mês de abril comemoramos também o aniversário de Brasília.

(Clara) Uhum

(Edvair) E é nesse contexto que eu, que para mim, São Sebastião é um dos berços da construção de Brasília. Ela foi meio que predestinada a ser o berço da construção, e isso se dá no início do século 18, quando ainda na época do império, foi decidido mudar a Capital para o Planalto Central. Daí José Bonifácio, né? Que era patrono da independência, como a história narra, definiu que era para mudar a capital por uma questão estratégica, né? E também para o desenvolvimento do centro Oeste. Estratégico, porque as capitais sendo no litoral, porque naquela época as invasões de outros países se davam pelo mar, não existia esses missets intercontinental.

(Clara) Sim sim.

(Edvair) Então, se tomasse a capital, tinha tomado o país, então vamos mudar a capital para o planalto central. Empurrou com a barriga até 1989, com o advento da República. Aí criou-se a República, e o governo da época chama o cara gabaritado para fazer esse estudo para a gente. Aí veio o Luiz Cruz, aquele francês com aquela equipe fabulosa, aqueles caras eram demais. Eu faço a viagem no tempo, tentando imaginar o que aqueles caras fizeram, saem do Rio de Janeiro cortando toda essa terra inóspita, e chegando aqui e fazendo um trabalho tão meticuloso como eles fizeram a delimitação do quadrilátero.

(Clara) Com certeza

(Edvair) Aí Luiz Cruz desce e a missão Cruz teve aqui, na Fazenda da Papuda, ficaram 25 ou 26 componentes da equipe aí dividia por 5, se eu não me engano. Aí cada uma, saía para um canto, e uma veio aqui para o centro, acamparam aqui na Fazenda da Papuda para estudar a fauna, a flora e o solo. Aí a missão colocou o seguinte: A flora da Fernanda Papuda é rica em árvores silvestres, denominou elas e em tais animais silvestres e possuem uma argila propícia para produção de telhas, tijolos e artefatos de barro em geral, isso em 1900.

(Clara) Nossa que legal, dessa eu não sabia dessa especificação deles.

(Edvair) E daí empurrou com a barriga de novo, e aí veio o advento da candidatura de Juscelino Kubitschek, com o primeiro comício em Jataí Goiás. O que não foi por acaso, foi porque o partido dele, acho que era PSD, que na eleição anterior teve a maior expressão de voto a nível nacional em Jataí Goiás. (...) Aí vieram para Jataí, anunciaram, né, rádio e jornal, via aérea, e telegrama, iriam fazer em uma praça, mas estava com uma chuvinha e daí mudaram para um galpão. Quanto Juscelino subiu no caminhão para começar o discurso de campanha, um cara chamado seu Tuniquinho de Goiania, literato e falou: “Candidato, um momento, por favor, eu quero te perguntar o seguinte, se o senhor for eleito presidente, o senhor vai cumprir a Constituição e vai mudar a capital do plano central?”. Juscelino não estava preparado para essa pergunta, ele engasgou, e isso ele mesmo disse, uma entrevista depois, isso é fala dele: “ Mas aí quando ele perguntou, eu respirei e disse, se o eleito for, eu vou cumprir a Constituição e vou mudar a capital para o Planalto central”.

(Clara) Sim, exatamente.

(Edvair) E ele foi eleito. E a primeira atitude dele como presidente, primeira ação efetiva dele como presidente, foi dar início aos trâmites da mudança da capital. Enfrentou uma residência louca no Rio de Janeiro.

(Clara) Isso foi mesmo.

(Edvair) O Rio de Janeiro não queria até hoje, tem carioca não gosta de Brasília, tem sonho que vai voltar a ser capital, é uma loucura, mas.. Aí antes, quando ele vai dar início a construção de Brasília, é claro que ele vai fazer um estudo do resultado da Missão Cruz. Aí é claro também que ele vai olhar lá e vai ver essa observação de que a argila de São Sebastião era propícia para a produção de tijolos maciços. As terras já estavam desapropriadas, por conta da construção em si..

(Clara) Então calma, a fazenda foi desapropriada das posses do..?

(Edvair) Isso foi desapropriada 1957 para criar o distrito federal, mas quem ainda estava nas terras ainda continuava com o direito as terras.

(Clara) Ah sim, entendi.

(Edvair) Mas se não tivesse sido desapropriado não poderia ser instalado as olarias, entendeu?

(Clara) Ah, entendi.

(Edvair) Aí ele desce para, desce para cá, cria a Novacap, e daí criam, aqui a cerâmica Arte, Benção, Estil, Nacional, Falu, depois se instalou uma chamada pioneira, uma São Judas que durou pouco tempo, essas eram de tijolos furados, e mais de 80 pipas em média de tijolos maciços.

(Clara) Nossa.

(Edvair) Tijolo Furado é aquele maquinado, tijolo maciço é aquele que fazemos manual. Então, essa foi a vocação da região da Papuda de 57 até final dos anos 90, produzindo tijolos furados e maciços para a construção da capital. E nesse contexto eu entro porque eu trabalhei em olarias até 1985, eu sou um ex oleiro. Então, quando eu falo que São Sebastião, que é a região da Papuda, hoje São Sebastião tem uma importância muito grande na construção de Brasília, eu falo de forma meio visceral, porque eu fiz parte do contexto, né? Eu fiz parte, eu sou um dos consultores de Brasília através da produção de tijolos. E dentro do viés histórico, porque é uma narrativa baseada em fatos oficiais, que houve uma conspiração..

(Clara) Sim, para apagar né..

(Edvair) Então nós nesse período de 57 a 85, homens e mulheres doaram suas vidas em trabalho de olharia que começava 1 da madrugada e se cedia até o cair da noite.

(Clara) Nossa.

(Edvair) Aí nesse contexto, nós temos Jane, Carminha, finada, Zelda, gaita que vai ser entrevistada pelas Memórias Oleiras ainda, a Dida, Jorgina, Vaninha do Doutor Sanhaço, Anari, Dona Lia, Chaguinha que tá com o coração debilitado, Irene, finada dona Julia, Julinha, e várias outras mulheres que trabalhavam junto com os maridos nessa vida árdua com a missão de construir Brasília, pessoas que não se configurariam nem nos rodapés da história se não fosse as Memórias Oleiras, pessoas que também são protagonistas na história de Brasília.

(Clara) Sim, eu acho isso tudo muito incrível, esse trabalho.

(Edvair) Então São Sebastião se configura dentro desse contexto. E dentro desse contexto estão: dona Ana Alves Siqueira que a minha sogra, que nasceu aqui, o meu sogro, foi criado aqui, o pai do meu sogro, calma deixa eu pegar uma foto aqui

(Clara) Pode pegar.

...

(Edvair) O meu sogro morreu em 2013, com 73 anos de idade, no dia 22 agora esse teria feito 84. Ele foi criado aqui, o pai dele foi enterrado aqui, e essa aqui é a mãe do meu sogro ou seja a avó da minha mulher, ela nasceu em 1890, o marido dela pegou febre amarela e foi enterrado a uns 400 metros aqui, e até 85 a cruz dele tava intacta, e depois disso compraram lá e arrancaram a cova dele.

(Clara) Entendi

(Edvair) Então a família da minha esposa tem a história toda aqui, história de vida toda aqui. Então os pais da minha sogra trabalharam com os donos da fazenda Papuda e a minha sogra, meu sogro, trabalhou pro herdeiro da Papuda. Então essas terras estão nas mãos desse pessoal que vai fazer uns 200 anos.

(Clara) Sim

(Edvair) E essa data é fácil constatar porque no início das memórias olheiras nós fomos em Luizianne, entrevistar o Américo. Quando nossa entrevista foi pra rede o pessoal do Metrópole correu e fizeram entrevista com ele também. É claro que eles têm um aparato muito maior que a gente e o deles saiu assim: A escritura da Fazenda da Papuda é a mais antiga do Distrito Federal. Então tudo que se passa sobre a fazenda da Papuda passa pela Família Meireles. E é uma história que vai sendo diluída porque quando vem a desapropriação e as sessões de uso que foram tendo, depois cada um fez da sua vontade, cada um faz o que bem entende com a concessão e a partir daí vira uma cacofonia muito doida. E isso quando a gente vai buscar a gente se depara com várias controvérsias, mas faz parte do imaginário popular. Como dia mesmo aquele nazista lá, o Joseph Rubens, o ministro da propaganda, uma mentira dita varias vezes se torna verdade.

(Clara) Sim, é verdade.

...

(Edvair) Essa aqui é o caminhão que eu tinha, eu comprei pra fazer o transporte dos tijolos com o caminhão, não trabalhei efetivamente nas olarias, eu transportava, mas com isso eu conhecia todas as olarias da região.

(Clara) Entendi, e o grupo Memórias Oleiras, como eles surgiu e porque?

(Edvair) Ele surgiu porque eu fiquei 29 anos sem estudar, aí fiquei, tinha só a quarta série. Aí quando meus filhos começaram, estava terminando o primeiro grau eles começaram a fazer perguntas, e começou a dar nó na cabeça. Eu fiquei 29 anos sem estudar, mas eu tenho exatamente, eu estou, eu tenho 52 anos de Literatura, eu leio, e eu comecei a aprender a ler com 10 anos de idade, não mais parei.

(Clara) Isso é muito importante

(Edvair) E aí eu pego e falei, eu vou voltar a estudar, depois em 2002 eu volto a estudar. Aí eu voltei pro colégio São Paulo para terminar o fundamental e médio. Quando cheguei na primeira aula com a professora, tive aula de português, minha amiga hoje. Ela falou: bom dia, meu nome é Tainá, eu sou lá do Maranhão, lutei muito para me formar, e eu vim para cá depois do meu irmão, e ele me disse que aqui era agrovila e as pessoas plantavam para levar para o Ceasa, e essa era a vocação da vila. Fiquei escutando aquilo, né? Quando ela terminou, eu levantei a mão e disse: “Olha, meu nome é Edvair Ribeiro, Eu tenho 41 anos de idade e eu moro aqui desde 66 e o que a senhora está falando tá distorcido. Agro as pessoas vivem em prol em função da agricultura, e aqui é uma olaria de cerâmica, uma fazenda que foi é uma fazenda que foi desapropriada e instala as olarias cerâmica para construir Brasília”. Aí ela falou que o irmão que falou que era agrovila e ele mora desde 1990, e eu disse que moro desde 66. E depois eu disse, tô falando isso para a senhora, porque isso aqui é uma escola, é aqui que forma opinião, e se a escola for distorcida a desinformação vai perpetuar.

(Clara) Sim, realmente.

(Edvair) Depois disso ela disse pra eu sair de sala, mas enfim, hoje ela é minha amigona.

(Clara) Que bom.

(Edvair) E a partir daqui eu pensei em escrever um livro , mas era um sonho muito longe porque tinha só a 4 série. Dai em 2006 e eu trabalhando na administração um cara chamado Paulo e contando a minha história, ele me disse para eu escrever o livro, que não posso deixar essa história morrer. E aí nós começamos a fazer o projeto, dai veio a FAP, o projeto é aprovado e daí criamos o Memórias Oleiras. Com isso nós trouxemos os caras gabaritados, trouxemos, por exemplo o historiador, Gustavo Chauvet, com PDH na Austrália, o Poeta e professor, que esqueci o nome agora, trouxemos o Gustavo Cerrato, além dos leigos também mas que tem conhecimento empírico.

(Clara) Realmente muita coisa

(Edvair) Na época, eu relatei de memória assim acho que umas 350 pessoas de cabeça, e umas 150 passamos para frente na ordem das entrevistas por conta da idade avançada. Dessas 150 nós perdemos 81 nos últimos 10 anos, pessoas que me viram crescer, algumas conseguimos entrevistar outras não por conta de agenda e tudo mais. Mas eu tenho felicidade de dizer que as minhas entrevistas foram sempre conseguidas por conta da minha relação pessoal com as pessoas.

(Clara) Isso realmente é raro viu.

(Edvair) Porque é difícil chegar na casa das pessoas e tirar as histórias, mas dos antigos que eu conheci desde a 50, 56 anos atrás, todas as portas que eu bato eu sei que estarão abertas. E aí surgem as memórias olheiras, é um projeto que eu tenho muito orgulho dele, tem umas falhas, teve a covid que atrapalhou muito as nossas vidas, fomos perdendo narrativa, pessoas, têm a correria do dia dia, o marca e desmarca, a timidez. Mas é um projeto muito grande, e depois surgiu a memórias da Ceilândia, memórias do cruzeiro.. E foi o memórias oleiras que fez isso. E o nosso desejo é que realmente todas as RA's de Brasília contem a sua parte na história da construção, principalmente as periferias. Porque o que é Brasília quando Niemeyer e Lúcio Costa visita Brasília, e traz o povo do norte e nordeste, mas primeiro foi feita pelos goianos e mineiros que aqui estavam.

(Clara) Sim, sim.

(Edvair) Aqui é uma terra de goianos no centro de Goiás, né?

(Clara) Verdade

(Edvair) Nesse contexto da construção, a pessoa veio pra construir né? Mas o Niemeyer fala disso muito bem no no livro, no, no filme companheiros velhos de guerra, já ouviu falar?

(Clara) Eu acho que ainda não, mas eu já ouvi falar dele.

(Edvair) Conta a história do massacre que houve lá na vila Planalto, que é a polícia do Governo matou mais de 200 pessoas de uma de uma da obra chamada Pacheco.

(Clara) Meu Deus.

(Edvair) Ele fala assim, ó, era muito bonito de se ver os presidentes, os ministros, os engenheiros comeram junto com o povo, e isso dava a impressão de que todo mundo ia morar né?

(Clara) Exato, todo mundo junto.

(Edvair) E quando construiu o plano, a elite não queria se misturar com os candangos que estavam ali. E claro, ninguém iria voltar de onde saiu.. E você não tem ideia do que é uma invasão na época dos anos 70, era uma coisa de maluco, uma relação promíscua, uma mistura, sem estrutura sanitária nenhuma, era literalmente um buraco numa casinha pra fazer as necessidades lá. E aí é quando eles tem ideia de jogar todas as invasões para bem longe de Brasília, que no caso foi ceilândia né?

(Clara) Sim, verdade.

(Edvair) E pra lá minha mãe e meu pai foram, começou o ano letivo, eu estudei 2 semanas lá na invasão e levaram uns caminhões pra colocar lá na ceilândia tudo jogado.

(Clara) Nossa, deve ser horrível, lembro de ter visto um documentário mas sobre a ocupação de Taguatinga, e pelas imagens pelo menos parecia um pouco mais organizado, pelo visto não foram todas.

(Edvair) E é nesse contexto que essas pessoas contam suas histórias, isso leva ao que falam né, JK fez Brasília e os candangos ficaram olhando, porque eles atribuem a construção a JK, a Bernardo Sayão, que morreu precocemente, a Israel Pinheiro, a Niemeyer, Lucio Costa. E para trazer a elite do Rio para cá precisavam de um esquema chamado dobradinha, incentivando a vim. A Iracema que morava aqui, o marido dela veio como motorista com esse esquema de dobradinha pra cá, saindo de um lugar maravilhoso para o ermo do planalto central que não tinha nada, então esse era o sentimento.

(Clara) Lembro de ouvir alguém falando que aqui era um canteiro a céu aberto né, ainda tinha muito o que fazer aqui.

(Edvair) Tem uma historiazinha de quando o lago foi sendo construído o pessoal do Rio falava que não iria encher por a terra ser esponjosa, era um fake news, e aí em 1959 quando fechou as comportas e começou a encher, quando tava passando da vila Mauri ele mandou um telegrama para o Rio falando “encheu”. (risos)

(Clara) Sim (risos)

(Edvair) Mas foi um feito heroico, 5 anos ele conseguiu construir a capital.

(Clara) É 50 anos em 5

(Edvair) Mas é aí que entra a força da mão de obra do povo. Porque..

(Clara) Foi uma mobilização muito grande.

(Edvair) Era muito grande, tinha gente que trabalhava 18hs, tinha um processo chamado serão e virada. Serão, o cara trabalhava 3/4h a mais, e tinha cabra que fazia a virada que virava a noite trabalhando, um duplicava e o outro triplicava o salário. E ainda muito morreram, morreram vários e vários, às vezes o cara trabalhava e já cobriam o corpo e nem sabiam que tinha morrido. E aí nesse contexto tem os oleiros e oleiras da fazenda da Papuda que entraram de sola num trabalho árduo para fazer

acontecer a construção de Brasília, que não constam nem no rodapé das histórias a partir de narrativas como as nossas.

(Clara) Eu acho que falam muito pouco das Ra's que ajudaram nesse processo, acho que o máximo que conheço é ali no museu vivo da memória candanga, ainda assim lá eles contam muito pouco da história.

(Edvair) Sim, é muito pouco. Eu, eu digo sempre que os meus heróis são meus iguais, eu conheço o meu povo, essa frase é minha. Eu e as pessoas da minha geração somos sobreviventes, por pirraça. A minha minha esposa nasceu em parto caseiro, mais quatro irmãos dela nasceu em parto caseiro. Aqui nós temos uma mulher chamada Maria Fuiça, ela foi entrevistada aqui, ela era parteira aqui, fez mais de 30 partos aqui, inclusive fez o parto do meu irmão aqui, colocou o nome do meu irmão, tava dando trabalho pra nascer. Mas nós todos nascemos de parto caseiro, eu e mais cinco irmãos, lembro do parto de 4 irmãos, então nós estamos vivos por pirraça. E nós sabemos a importância que nós temos no contexto, nós de mal dormida, sub alimentado, muito frio, incerteza a ausência de sonhos dos nossos sonhos eram limitados.

(Clara) Sim

(Edvair) Porque nós respiramos pela lente do governo. Eu comecei a trabalhar com 7 anos de idade, a minha geração foi toda assim, porque havia um projeto velado de manter o filho do empregado dentro do proletariado, uma colonização perpetuada.

(Clara) Sim, a mesma lógica só mudou de nome.

Sim, o menino do engenho fala disso com a propriedade quando o filho do pretinho brincava com o filho do patrão, ele sai para a Europa estudar e vai despedir ele tinha noção que aquilo não seria mais uma brincadeira de infância.

(Clara) Exatamente.

(Edvair) Então a gente percebe que projetos como o seu eu fico feliz demais com isso, quando você fala que quer dar visibilidade para essas pessoas. Porque o político não quer isso, quanto mais ignorante o povo melhor, é mais conveniente E eu já passei por isso, candidato vindo dar dentadura, sapato, óculos para ver qual fica

melhor eu já vi. E o cara chega na cidade, o político de campanha na praça junto com alguns líderes de comunidade, que provavelmente serão beneficiados, nunca foi na cidade, no máximo uma ou duas vezes, e aí o cara chega e traz os presentes, faz promessa, emprego, remédio, sapato, e tudo ele paga na hora. E aí ele vem com esse discurso demagogo, impressiona o povo, é eleito e nunca mais volta, depois de 4 anos volta e é a mesma coisa.

(Clara) Isso é verdade.

(Edvair) E essas coisas, isso que estamos fazendo é às vezes um trabalho que vamos ver só daqui 100 anos, pra ter efeito, sabe? Eu falo demais.

(Clara) Ah mas eu acho bom mesmo, é muito importante quando falamos sobre as memórias, porque é igual uma fala que o pessoal do MTST fala, é um trabalho de formiguinha né, se a gente não começar com pouco não tem como terminar.

(Edvair) Sim, verdade, o que não pode é deixar cair no esquecimento.

(Clara) Sim, estávamos até comentando entre amigos esses dias, de como não desanimar na luta, enfim, da militância e tudo mais, e é não deixar esquecer, mostrar que mesmo pouco ainda tem gente que movimenta tudo isso.

(Edvair) Vou te dizer onde está a compensação pra mim, como eu disse para você, eu trabalho de 7 anos de idade, lá na ceilândia, ou eu estudava de manhã ou de tarde, e sempre depois vendia algo, era sorvete, picolé, bijuteria, coxinha, ovo. E se eu estudava de manhã de tarde eu vendia o picolé, se eu estudava de tarde de manhã eu vendia o jornal, pra ganhar dava 1 cruzeiro na época. Depois vim morar com os meus tios, e trabalhei nas olarias até os meus 23 anos de idade. Meu primeiro trabalho foi capinar um lote junto com o meu irmão que na época tinha também 6 anos de idade e aí não paramos mais, porque era prática o filho ajudar na renda de casa. Então eu consigo a façanha de criar 3 filhos, a mais velha está com 35 anos, o do meio tem 32 e a casula tem 30 anos, e nenhum filho meu trabalhou nem pra mim e pra ninguém de graça. E ainda tem gente que é contra isso, porque tem que trabalhar, mas eu tenho orgulho por os meus filhos não terem trabalhado, porque o que eu queria mesmo era

ter a oportunidade de estudar que meus filhos tiveram, se eu não tivesse ficado 29 anos fora da escola eu era outro Edvair.

(Clara) Sim.

(Edvair) O trabalho de formiguinha tem o efeito sim, a minha geração teve a oportunidade de criar os seus filhos de forma muito mais justa do que fomos criados. Então isso é muito grande.

(Clara) Com certeza

(Edvair) Graças a deus meus filhos não tiveram que trabalhar para garantir o pão de cada dia. Eu já cheguei em casa com 1 real e meu pai esperando isso pra comprar o arroz. Então socialmente houve um ganho mínimo, mas houve, e é uma vitória muito grande. Mas infelizmente estamos ainda nessa roda do capitalismo, precisamos trabalhar, eu teria a oportunidade de trabalhar com políticos, mas eu não conseguiria, prefiro do jeito que tá, porque também quando a gente fizer a grande viagem não vamos levar nada. Então eu prefiro enfrentar a vida e tentar deixar lembranças, pelo menos não negativas quando eu partir.

(Clara) Com certeza não serão negativas.

(Edvair) E São Sebastião é isso, é onde eu passei parte da minha infância, grande parte da minha adolescência e toda a minha fase adulta, e é o meu sonho de resto de existência. Não me vejo morando em outro lugar, apesar de faltar algumas coisas, falta um planejamento mesmo para a gente, isso é muito male male.

(Clara) Sim.

(Edvair) Eu lembro de uma coisa, de quando o Japão sofre as bombas né, segunda a minha vó, que eles eram uma cultura fechada, de costumes milenares, o rei era Deus. E quando ele leva as duas bombas, diziam que os japoneses cultivam muito arroz, e destruíram tudo, mas aí os governadores falaram: Em 100 anos nós vamos recuperar a nossa hegemonia. E aí, aceitaram ,além das bombas em si, que aquelas bombas foram desnecessárias, mas aceitaram aquela submissão, e em menos de 50 anos o Japão voltou a ser a potência que era. Mas houve um planejamento, que nós como povo não temos toda a capacidade de pensar nisso, mas a Elite tem, porque os

filhos do padrões são ensinados a isso, e nós estamos tendo até as matérias essenciais retiradas, como sociologia, filosofia, e nas escolas deles ainda vão ter, porque são matéria que ensinam a como manter o poder né? O domínio sobre a gente.

(Clara) Exatamente.

(Edvair) A minha geração, eu enquanto preto, eu não tive é até os 30 anos conhecimento de herói negro, eu fui tomar conhecimento disso quando eu li o livro do José do Patrocínio, e ali eu percebi, em 1991, que ele era preto, e descobri que o primeiro automóvel que rodou no Brasil foi ele que importou da França, sabia disso?

(Clara) Eita, sabia não.

(Edvair) Ele comprou na França, desceu no Rio de Janeiro e na primeira volta meteu o carro na praça e ficou lá apodrecendo (risos).

(Clara) Meu Deus, (risos).

(Edvair) E é a partir daí que eu começo a descobrir que o preto tem uma história, que a nossa Liberdade não foi dada graças a alguma Princesa Isabel. Porque até então eu fui criado como um preto de alma branca, que é uma loucura. Aqui na Papuda mesmo eu sofri muito pouco preconceito sobre isso porque a gente era, mas saia para o plano piloto asi e o que mais tinha era piada de preto. Então era isso, a gente não tinha conhecimento desse protagonismo negro, e isso se dá através da literatura, e isso me fez alencar a ideia também de contar a história do povo de Sao Sebatião. É engraçado que tem até um hiato na história por causa de um casal de negros que morava na Papuda. Dai são minhas conjecturas, pra mim esses negros eram donos desse lugar, a família que criou o meu sogro e minha sogra, e eu acho que eles eram muito mais que um casal de negros, eles tiveram suas terras tomadas na minha opinião, porque eles deram o nome a essas terras e não é atoa isso, no contexto acaba se perdendo. Então tem toda uma miscigenação que traz o povo preto marginalizado, e eu não falo isso com raiva, eu busco esse conceito pra tentar entender de onde eu saí.

(Clara) Sim, realmente.

(Edvair) Então são histórias que elas vão sendo esquecidas e diluídas no meio da conveniência da subserviência do pobre e preto, porque preto bom, é preto que sabe o

seu lugar, como diziam no passado. Mas é isso, a história da papuda é isso, tenho muito mais histórias no meu blog, acho que mandei pra você, e é isso, enfatizando mesmo a região da papuda, porque 80% dos tijolos da construção foram feitos aqui.

(Clara) Sim, foi muito bom essa conversa, temos bastante coisa, agradeço demais.



Figura 10 - Foto do Senhor Sebastião. Fonte Edvair Ribeiro.

- Sebastião Claudio Nunes

(Clara) Coloquei aqui pra gravar, e aí se quiser... bom que você está começando a falar aí você assina depois. Mas a ideia da pesquisa, estou entrevistando o pessoal para resgatar um pouco dessa memória de como era a vivência, como tudo funcionava.

(Sebastião) Pois e, aqui pra te falar a verdade, aqui era muito difícil, não tinha condição e a gente vivia de carona do pessoal da cerâmica, que depois foi proibido de carregar mais. Então foi isso, a gente sofreu muito aqui, ainda teve problema da fabricação de tijolos, porque quando a gente veio para cá, a gente tinha que saber mexer com os tijolos, porque não tinha outra atividade.

(Clara) Ah e, seu nome, a idade e o que você fez atualmente?

(Sebastião) Meu nome é Sebastião Cláudio, e você quer saber quando eu cheguei aqui em Brasília?

(Clara) Não, sua idade e o que você faz

(Sebastião) Eu tenho 77 anos, e eu sou aposentado, era motorista. Aí quando cheguei aqui em Brasília, foi em 62, aqui não tinha nada, no máximo umas casinha aqui e lá, bandeirante ainda não tinha alvenaria so tábuas, w3 também tinha mai barraco de

madeira também, tinha as grandes indústrias, comércios...então eu vivi muito tempo aqui, e realmente não tinha outra coisa pra fazer, não tinha, o que tinham era olaria, tinha muita por aqui, cerâmica tinha uma 3 que funcionava aqui, o resto era tudo manual, e eu mexi muito com isso também.

(Clara) E você trabalha aonde?

(Sebastião) Aqui mesmo

(Clara) Aqui?

(Sebastião) Aqui (mostrou os fundos da casa), isso daqui e da minha família, eu e minha mulher.

(Clara) Sim

(Sebastião) Trabalhava, muito, muito muito, que hoje eu até me arrependo do tanto que trabalhei, dava nada por ninguém

(Clara) Entendi

(Sebastião) Última vez que sai larguei tudo pra traz, eu e meu irmão, porque (parte perdida) aqui era tudo difícil, pra vc ter noção pra você fazer, comprar comida,

(Clara) Tinha que ir lá...

(Sebastião) Primeiro que colocou um comércio aqui foi o meu cunhado, colocou um comércio aqui, comércio dessas coisas né, agora comércio de buteco, de beber pinga tinha. Aí foi melhorando aos poucos, melhorando e melhorando, daí fiquei mais um ano e fui embora para o São Paulo no interior.

(Clara) Foi pra onde do Interior?

(Sebastião) Fui para Barretos, e aqui eu não faço mais nada, aqui eu já tô velho demais, esperar alguém chamar, eu gosto muito de pescar, acampar uns 15 dias.

(Clara) Ai assim, além das dificuldades de permanecer aqui na cidade, teve mais alguma coisa que te marcou?

(Sebastião) Quando você diz algo que te marcou e o que?

(Clara) Alguma história, acontecimento, essas coisas.

(Sebastião) Ah bom, quando eu fui embora, porque ainda tinha dificuldade, porque fui embora, passei dois anos em São Paulo e quando voltei ainda tinha dificuldade. Porque logo no começo, a gente mais antigo, quando começou as administrações aqui foi ficando esquecido e esquecido, até que com muita luta, nos juntamos em comunidade e conseguimos trazer uma administração para cá. Aí começou a melhorar e melhorar, acho que já melhorou uns 99%. Mas aqui já foi o que antigamente o pessoal chamava de agro vila. Não sei se você já sabia. Aí depois começou a melhorar, aqui até 60, 70 a partir de 80 90 começou a melhorar.

(Clara) Entendi, tem alguma coisa que você sente falta daquela época?

(Sebastião) Do conhecimento das pessoas, a gente conhecia quase todo mundo, e hoje, por exemplo, eu tenho um vizinho aqui e eu nem sei o nome dele até hoje, não vi a cara dele. Todo mundo aqui você encontra, você conhecia.

(Clara) Deixa eu ver se tem mais alguma pergunta, o que que te trouxe pra São Sebastião?

(Sebastião) Quando eu vim de Minas Gerais e vim direto pra cá, eu vim pra cá porque tinha um tio meu que morava aqui e quando cheguei aqui foi pra passear mesmo e tô aqui até hoje.. o que é isso aonde vc achou isso daqui (Edvair mostra uma foto do pai do entrevistado). Esse daqui é do meu pai.

(Clara) Nossa que legal, ele morou aqui?

(Sebastião) Morou um tempo sim

(Clara) E ele fazia o que aqui?

(Sebastião) Meu pai só mexia com gado, vivia disso. Trabalhou um tempo com na campanha do governador.

(Clara) Tá falando do Roriz?

(Sebastião) Sim, ele trabalhou na campanha do Roriz, e depois ficou por conta da agropecuária da região, depois arrumou um açougue lá em sobradinho, que foi na mesma época que ele adoeceu, foi pro hospital, sofreu um derrame e na espera ele

morreu. Mas em um geral eu gosto aqui de São Sebastião, porque igual eu te falei aqui foi o primeiro lugar que eu vim, conheci a minha mulher,

(A mulher de Sebastião chega na hora e se apresenta. E Edvair chega com uma foto do fundo do quintal)

(Sebastião) Ah, aqui era o gado dela, eu tava falando dele, porque aqui tinha muito pé de manga que foi e e o meu pai que plantou, aí o Joãozão, que era marido dela falou isso daí ninguém vai ver não logo logo tava todo mundo chupando manga aí. Aqui tinha muito cerrado, e quem vai ver essas árvores mais, ninguém vai ver, já não ve mais, era essa casa aqui.

(Clara) Vocês lembram quando começou a encher mais aqui?

(Sebastião) Começou mais nos anos 90, até 83 era só olaria, aí 84 o tio da área começa a parcelar por lá e o Joãozão aqui, a dona maura por lá, cada um que tinha sua olaria foi loteando, o tio areia resolveu pegar pra ele a fundação da cidade mais foram várias mãos, foi um bum. Mas tinha muitos tijolos que produziam, aqui fazia fila pra levar os tijolos pra Brasília, além das olarias tinham cerâmicas. Mas enfim, muito obrigada viu, vou precisar ir.

(Clara) Ah sim, obrigada também viu.



Figura 11 - Foto da Dona Carmen. Fonte autor.

- Carmen

(Clara) Só pra registro, deixa eu ver se está gravando, primeiro seu nome, sua idade e o que você faz atualmente?

(Carmen) Carmen de Souza Nunes Vidal, 77 anos

(Clara) Aham, e o que você faz atualmente?

(Carmen) Dona do Lar

(Clara) Dona do Lar, e pra começar o que te fez vir para São Sebastião, qual a sua história com a cidade?

(Carmen) Foi um tio meu que tinha... que veio para Brasília, montou um restaurante na cerâmica, daí ele veio passear aqui com a família e me trouxe.

(Clara) Entendi, e daí você trabalhou nas olarias, o que você fez por aqui?

(Carmen) Não, eu não trabalhava, fiquei na casa dele um pouco, depois eu fui embora, depois voltei, fiquei noiva, comecei a namorar com o meu marido, fiquei noiva, aqui eu casei, tive meus filhos tudo.

(Clara) E o que o seu marido fazia para cá?

(Carmen) Era comerciante.

(Clara) Ah comerciante, vendia o que?

(Carmen) Mercado, era material de construção, várias coisas.

(Clara) O que você se lembra daquela época, as olarias, a dinâmica das cidades?

(Carmen) Vish, lembro de tudo..

(Clara) Não precisa ser nada específico o que for lembrando pode falar.

(Carmen) Eu lembrava do pessoal acordando de madrugada, indo para as cerâmicas fazer tijolo, buscando barro para colocar na moenda da pipa, e.. o sofrimento do povo né, levantava aquela hora, na chuva ou no frio..

(Clara) Muita gente falou que tinha dificuldade de comprar as coisas, como era pra você?

(Carmen) A gente pra fazer compra, pra comprar um pão tinha que ir pro bandeirando, aqui era só mato e a cerâmica. Tinha muita gente trabalhando, mas só tinha isso.

(Clara) E quando começou a ficar melhor, você lembra?

(Carmen) Lembro, nesse tempo ele trabalhava na cerâmica, e ganhou o tempo de casa dele, que a cerâmica fechou, e daí ele comprou uma área aqui de um povo do nordeste, porque eles queriam se mudar para Ceilândia, e começou por aí.

(Clara) E como era a sua relação com a cidade, você saía muito, você tinha um lugar que gostava de ir, algum ponto de encontro.

(Carmen) Aqui era, bem, depois que meu marido começou a mexer com política né, ele me levava para os lugares que ele ia fazer comércio, ele ia arrumar as coisas que já estavam fazendo aqui na cidade, posto de saúde, era a casa da maria do bairro que

era curso de cerâmica, era todas as vezes que o roriz ia inaugurar alguma coisa ele me levava.

(Clara) E ele mexia com que parte da política?

(Carmen) Ele foi líder comunitário daqui, foi o primeiro prefeito líder comunitário, eram dois, mas o outro abandonou e ele ficou.

(Clara) Qual o nome dele mesmo?

(Carmen) De quem?

(Clara) Do seu Marido

(Carmen) João Vidal Sobrinho

(Clara) E aí o que você diz é foi mais importante que ele conseguiu fazer para cá?

(Carmen) Os Asfalto, o ônibus, ele que poz o primeiro ônibus aqui na cidade. Ele andava nas máquinas junto com o pessoal da Terracap quando precisava. Ele também teve uma participação muito grande no primeiro posto de saúde. Ajudou no primeiro posto de gasolina.

(Clara) Nossa isso é muito bom

(Carmen) Muita coisa, muita coisa ele, porque o Roriz era o Governador, e ele era amigo do Roriz, aí ele pedia para o Roriz fazer as coisas e ele dava um jeito de fazer.

(Clara) Isso é bom né, que de alguma forma ele trouxe muitas benfeitorias para a cidade assim.

(Carmen) Nós éramos amigos do Roriz desde 69. Meu filho nasceu e já éramos amigos do Roriz.

(Clara) Entendi

(Carmen) Oh, esse é meu marido aqui, é esse do meio (Cida mostra uma foto). Isso daqui foi aqui, na inauguração do primeiro chafariz de água encanada de São Sebastião, lá do lado do São Francisco. Tava cheio das crianças, tudo fazendo bagunça e se banhando com a água.

(Clara) Que coisa gostosa.

(Carmen) Aí, tá vendo esse pessoal todo ruindo aqui, foi porque um dos caras que estavam aqui saiu se morou todo, e foi bem na hora que bateu a foto.

(Clara) (Risos), deve ter sido muito bom né.

(Carmen) Sim, aqui oh, o João e o Roriz eram muito amigos, foi um bom governador. (Mostra outra foto) Aqui foi lá em cima no parque da cidade, na agropecuária, meu marido chamou ele, ele veio, isso em 2002, meu marido morreu em 2002.

(Nos vemos muito mais fotos e conversamos mais, porém se perdeu ao meio da gravação, uma delas foi sobre a distribuição de filtros de barro que o marido dela também promoveu para os moradores, pois a água encanada ainda não estava disponível para todos. Além de uma história sobre os chacareiros que muitos pagaram para colocar os próprios postes de luzes para distribuir com o pessoal ao redor, logo depois a CEP veio e aproveitou para puxar para o resto do pessoal.)

(Clara) E o que você mais sente falta daquela época para cá?

(Carmen) Ai, acho que não, sinto falta do meu marido, da minha mãe, do meu pai, de quem já foi, antes a vida era muito sofrida, não tinha luz, não tinha água, não tinha nada. Teve uma vez que eu estava fazendo janta e eles tinham mexido com umas canas no quintal, e nós comemos arroz e feijão puro porque não tinha uma faca para cortar carne, de tão escuro que tava. Lavava as roupas no córrego, quando tinha pouca água na cisterna meu marido tinha que ir no córrego para buscar água, num pou nas costa e uma lata.

(Clara) Ai só uma coisa que eu não lembro, você veio pra cá quando?

(Carmen) Vim pra cá com 17 anos

(Clara) E antes você morava aonde?

(Carmen) Morava em Minas, fiz 18 anos aqui e casei. Tive 5 filhos, que vejo todos os dias graças a Deus.

...

(Carmen) Mas era isso, não sinto tanto falta, dessa época, uma vez inclusive estava passando mal e meu marido teve que me levar de bicicleta para taguatinga, passando muito mal, precisando fazer cirurgia, ele conseguiu para mim lá e me levou de bicicleta. As compras tudo fazia de bicicleta.

(Clara) É chão.

(Carmen) É chão, época das vacas magras.

(Clara) Mas tudo melhora, acho que é isso, muito obrigada pela entrevista.

- Jonatan Couto

(Clara) Eu vou falar algumas perguntas e só para registro, seu nome, sua idade e o que você faz atualmente.

(Jonatan) Sou Jonatan Couto, tenho 35 anos e atualmente sou empresário.

(Clara) E aí, eu vou falando, é bem informal, tem algumas perguntas guias, mas você vai falando o que você lembra, o que você quiser, enfim, mas me conta um pouco sobre como é a sua história com São Sebastião, como você veio parar aqui, e tudo mais?

(Jonatan) Eu tenho história na cidade, estou aqui desde os meus 35 anos

(Clara) Aham.

(Jonatan) Meu pai veio para Brasília, ele era de Luziânia, veio para Brasília, conheceu minha mãe, e aqui casou e constituiu família, nós somos 5 irmãos, mas do meu pai mesmo só eu e um outro irmão, Estevão. Então quando ele conheceu minha mãe aqui em São Sebastião, que antigamente era agrovila, já tinha a lara, a Daiara e o Estevão.

(Clara) Entendi.

(Jonatan) Trabalho na olaria, ele era oleiro, quando chegou aqui ele trabalhou aqui, na olaria, então a gente como se diz, temos história na cidade. Como se diz, tem os pioneiros que chegaram primeiro na cidade e nós somos os filhos dos pioneiros, então é muito gratificante ver a cidade como está hoje, e eu penso “poxa o meu pai contribuiu”, então eu sou feliz por ter crescido na cidade que meu pai ajudou a construir.

(Clara) E você lembra mais ou menos como era, como ele trabalhava nas olarias, como era a rotina.

(Jonatan) Até me arrepio de falar, meu pai faleceu, e eu era apegado demais com o meu pai. Ele acordava cedo descia para a olaria e quando dava meio hora eu já estava lá no pé dele. Via ele virando aqueles tijolos, fabricando aqueles tijolos enquanto eu estava ali brincando no barro, brincava no barro das olarias, enquanto eu

estava fabricando. Daí ele carregava caminhão, queimava os tijolos de um dia pro outro, cedo ele tava de volta carregando de novo os caminhões, então pra mim é uma memória muito boa que me faz lembrar do tanto que meu pai era trabalhador e hoje eu me inspiro nele. Trabalhador, uma boa pessoa, não tinha uma pessoa na cidade que falava mal do meu pai, todo mundo tinha orgulho dele, e hoje o pessoal fala, você é a xerox do seu pai você é cópia dele, você é bom, é trabalhador igual ele, então é um orgulho muito grande saber quem é o meu pai e o que ele colaborou para a cidade.

(Clara) E qual o nome dele para registro?

(Jonatan) O nome do meu pai era Zacarias, Zacarias Couto.

(Clara) E daquela época, você tinha algum lugar da cidade que você mais gostava de ir, que você tem alguma memória?

(Jonatan) Oh se tem, a olaria era aqui embaixo, e logo atrás da olaria tinha um córrego, então enquanto ele tava lá queimando os tijolos a gente tava também no córrego, então a minha memória melhor e maior era desses córregos, que hoje infelizmente não existem mais. Então pra mim é uma memória muito boa, quando a gente banhava eles estavam trabalhando, e enquanto isso nossas mães estavam lá lavando roupa do lado, então era muito bom. A nossa cidade assim, tem muito histórias boas, como a das nossas mães que desciam para lavar as roupas com a bacia dos córregos, não vemos mais isso, era coisa de antigamente, hoje é tudo nas máquinas, é raro ver alguém lavando as roupas na mão.

(Clara) É era outra vivência, como eu tava comentando esses dias, a vivência de vocês nessa época né, eu fui crescida em apartamento, então não tive essa vivência.

(Jonatan) Ah Clara, aqui foi infância raiz, aqui esse posto aqui ele já existia, mas daqui até na 9 era só eucalipto e estrada de chão. Com o tempo que veio o asfalto e que começou a fazer as águas pluviais, então as águas iam todas para o córrego. Então fizeram manilhas daqui do Caíque até as olarias, então o que eu fazia, o abençoado quando chovia descia daqui até as olarias por dentro das manilhas. Você nunca teve isso.

(Clara) Não, nunca tive.

(Jonatan) Então a gente brincava nos barros, chegava em casa com as pernas cinzas, mas era muito muito bom. Eu acredito que hoje a geração 90 nunca vai saber o que foi a 80, a geração anos 200 nunca vai saber, foi uma das melhores gerações. Que eu acredito que hoje, não que a de 200 não constitui, mas a geração de 80 e 90 constituiu vários homens, que não tinha as.. tinha as brincadeiras que hora são tratadas de maneiras sérias eu concordo, mas não tinha tanto mimimi, sabe, a gente brincava saudável, de dia a gente brigava e de noite tava tudo amigo, hoje em dia vc briga e no outro dia a pessoa tá querendo te matar. E antigamente a gente brigava na olaria e de noite tava jogando bola na igreja aqui.

(Clara) Entendi.

(Jonatan) E a gente fazia remo, sabia, que tinha o professor Floriano, que era um pioneiro também, chegou aqui na cidade, a gente tava jogando bola na igreja e ele falou “vamos fazer outra atividade”. Cara, pra nós foi muito bom, porque juntou uma galera que foi fazer um esporte de rico, que era remo, porque era caro, era caríssimo, então ele pegou a galera levou para o CCBB para fazer remo, um dos esportes mais caro, então ele proporcionou pra gente um esporte que nossas mães não tinham condições de pagar, então isso também foi marcante para a gente.

(Clara) Nossa que legal.

(Jonatan) Sabe o que era engraçado Clara, é que a gente fazia remo, tinha regata de manhã, a gente ganhava a regata, quando era a tarde nós disputamos a medalha valendo uma coca na igreja.

(Clara) Que legal, deixa eu ver se tempos mais alguma pergunta.. Acho que essa pergunta você meio que já respondeu, mas o que você mais sente falta de antigamente de hoje em dia na cidade?

(Jonatan) Se eu te falar que eu sinto falta do meu pai?

(Clara) Eh, muita gente fala isso, que o que mais sente falta é das pessoas.

(Jonatan) Mas o que eu sinto mais falta era como as pessoas conviviam, era um ajudando o outro, nós éramos, não que hoje não seja, mas éramos mais unidos antigamente, então sinto muita falta da união que os pioneiros tinham, você não ve

mais de tarde as pessoas paradas na porta conversando com os outros, hoje é cada um no celular, cada um fazendo sua própria coisa, então antigamente dava 18h da tarde tinha todo mundo nas portas conversando, brincando de pique esconde, de golzinho. O mundo virtual dominou todo mundo. Então o que eu sinto mais falta é da união e desse bate papo.

(Clara) E agora acho que é uma das últimas, como você gostaria que o resto de Brasília visse São Sebastião?

(Jonatan) Querendo ou não eu queria que o resto de Brasília visse São Sebastião como uma cidade importante, porque foi daqui que saíram os tijolos para Brasília, e a cidade que menos está se desenvolvendo é São Sebastião. Aqui fez parte de Brasília, fez parte da construção de Brasília, você olha o paranoá, tem hospital, tem bancos, tem tudo, e São Sebastião que participou de boa parte da construção de Brasília não tem nem metade do que outras cidades satélites tem. Então acho que os governantes deveriam olhar com mais importância para a nossa cidade, porque a nossa cidade fez parte da construção de Brasília e não tem tanta, o pessoal de fora não tem tanto reconhecimento da cidade, da importância que foi São Sebastião para a construção de Brasília.

(Clara) Então é isso, muito obrigada, foi muito bom.

(Jonatan) Eu que agradeço.



Figura 12 - Foto do Senhor Alaor. Fonte Edvair Ribeiro.

- Alaor

(Clara) Essa entrevista vai ser bem informal, mas para deixar registrado, me fale o seu nome, sua idade e o que você faz atualmente?

(Alaor) Eu no caso sou Alaor Augusto, eu tenho, vou completar meu que vem 72 anos, atualmente eu sou aposentado.

(Clara) Que bom, e pra começar a entrevista queria saber mais da sua história com a cidade como veio parar aqui?

(Alaor) Na realidade eu vim quase 50 anos, alias 50 anos mesmo, porque eu vim em 72, 1972, então vou fazer 72, vai fazer 50 anos, aqui era só área de cerâmica chama-se papuda, era o setor, a papuda mesmo era a fazendo e daí é história. Aí eu vim pra cá pra trabalhar né

(Clara) Para trabalhar nas olarias?

(Alaor) Isso nas olarias, quando eu vim em 72, a maior parte das indústrias que era tijolo cerâmico furado mesmo estava fechando já, já tinha muitos fechados. Tinha a nacional que ainda tinha funcionado, tinha a Pensa que ainda estava em atividade e a Falu lá do outro lado, que hoje é umas mansão de chácaras, condomínio. Daí desse lado de cá era só os barracos de olarias, que eu trabalhei por muito tempo, que aí a

gente faz o tijolo para construir Brasília na verdade. Que por exemplo o lago sul mesmo, na 15, a 21, tudo era cerrado ainda né

(Clara) Entendi

(Alaor) Ai tem muito tijolo aí no mundo que foi eu que fiz, eu fazia no manual né

(Clara) Ah siiim

(Alaor) Não era na cerâmica, tinha uma parte prensado, mas a maioria era manual mesmo. A gente colocava o cavalo que chamava pipa, um ferro assim, cheio de faca em volta assim, aí o cavalo rodava ai eu munha o barro em cima manual e o barro saia embaixo na boquilha. Muitos utilizavam uma manilha de cimento, furava ela, e conforme o cavalo ia girando rodava o barro saia embaixo, pegava ele e levava lá no forno pra fazer o tijolo maciço. Ele tijolinho tinha ele prensado, mas a gente fazia mais eras manual mesmo, porque não tinha energia da época.

(Clara) Entendi

(Alaor) A gente na época usava lamparina na época. A gente enchia uma lata de leite ninho furava a tampa dele, enchia de óleo diesel, colocava um pano e encharcar no óleo e fazia uma espécie de lâmpada de hoje. E lumiar pra gente trabalhar, que a gente trabalhava de madrugada.

(Clara) Sim sim, entendi.

(Alaor) A gente levanta 2h da manhã pra fazer esse serviço, que aí quando estava amanhecendo o dia a gente fazia, que se fizesse com o sol quente ele rachava, por conta do barro do tijolo. Aí ele secava lá, e depois a gente levava pro fogo pra queimar e depois transportar. Tudo para construir Brasília né, lago sul, lago norte, plano piloto mesmo, ceilândia. ceilândia mesmo eu vi nascer, no caso, que nessa época estava começando a fazer aqui e lá. Mas é isso

(Clara) E tem alguma memória, alguma coisa da época, deixa eu tentar especificar um pouco mais, uma memória marcante de como era a vida?

(Alaor) No caso da vida, era assim, aqui tinha poucos comércios né, e a cidade modelo era o núcleo bandeirante. A gente trabalhava durante a semana, e às vezes em quinzena ou fim de mês a gente ia fazer compra no bandeirante.

(Clara) Uhum

(Alaor) Como não tinha transporte o que a gente fazia, geralmente tinha o pessoal dos caminhos, que no caso era os pau de arara e levava a gente pra fazer compras lá, no bandeirante, todas as compras era lá. Era a cidade referência.

(Clara) E você lembra mais ou menos quando começou a mudar essa realidade?

(Alaor) Eu sou meio ruim de lembrança, mas eu sei que começou com um ônibus que ia pro bandeirante, que ia pela manhã e depois pela tarde. Depois acho que começou a fazer, acho que na década de 75 ou 76 se não me engano que ia pro bandeirante.

(Clara) Entendi, deixa eu ver que mais, tem algo que você sente falta daquela época?

(Alaor) Ah, não sei.

(Clara) Algo que você gostava ou não?

(Alaor) Acho que mais a convivência, era todo mundo conhecido, era menos violento, mas aí tinha a questão também se por exemplo, quando a gente queria sair e não tinha condução a gente ia andando até o seminário.

(Clara) Ah, o seminário do Paranoá né?

(Alaor) Sim, então não sei qual é o ônibus, no caso era o circular que vinha até o seminário, aí a gente ia de pé mesmo pra lá, não tinha transporte, era uma das dificuldades. E aí como a gente era jovem e não pensava em estudar, porque a gente era do interior, eu mesmo vim de formosa né. Aí tinha o colégio no caso que tinha do caso era o colégio da benção, era bem pequenininho, e o colégio São Paulo, era os dois que tinha, ai.. A gente mesmo veio pra trabalhar, não tinha como estudar, não tinha aula à noite naquela época, a gente tinha que trabalhar, então a gente não podia fazer isso, era bem jovem, tinha 20 anos, mas nem pensava em estudar.

(Clara) E além do trabalho você terá mais alguma prática de lazer, algum ponto de encontro.

(Alaor) No meu caso o ponto de encontro que tinha era o campo central, desde a época que cheguei já tinha o campo. Todos os domingo o pessoal ia jogar, e aí festinha o pessoal às vezes ia pra mesquita que era no goiás, às vezes o pessoal pegava uma carona, tinha gente que ia de pé, estrada de terra mesmo, era depois do jardim aqui.

(Clara) E se você pudesse ter algo que gostaria que as pessoas soubessem sobre São Sebastião?

(Alaor) No caso queria que soubessem que aqui era uma área destinada para fazer os tijolos de Brasília, aqui era uma área de cerâmica. A prioridades era construir Brasília, fazer tijolo furado, depois passou, acho que o barro acabou, porque a cerâmica da novacap buscava barro aqui pra levar lá na Candangolândia, tinha uma cerâmicazinha lá, eu nunca cheguei a conhecer, só via os caminhos vindo aqui e puxando o barro. Mas o resto fazia a cerâmica aqui nas áreas pra fazer, porque tinha determinadas áreas para cerâmica. Quando eu vim no caso já tinha acabado o tijolo furado, só tijolo maciço.

(Clara) Entendi.

(Alaor) E nessa brincadeira eu to aqui a 50 anos, e construiu uma linda família.

(Clara) Sim sim, acho que foram todas as perguntas, muito obrigada pela ajuda e a colaboração.

(Alaor) Nada.